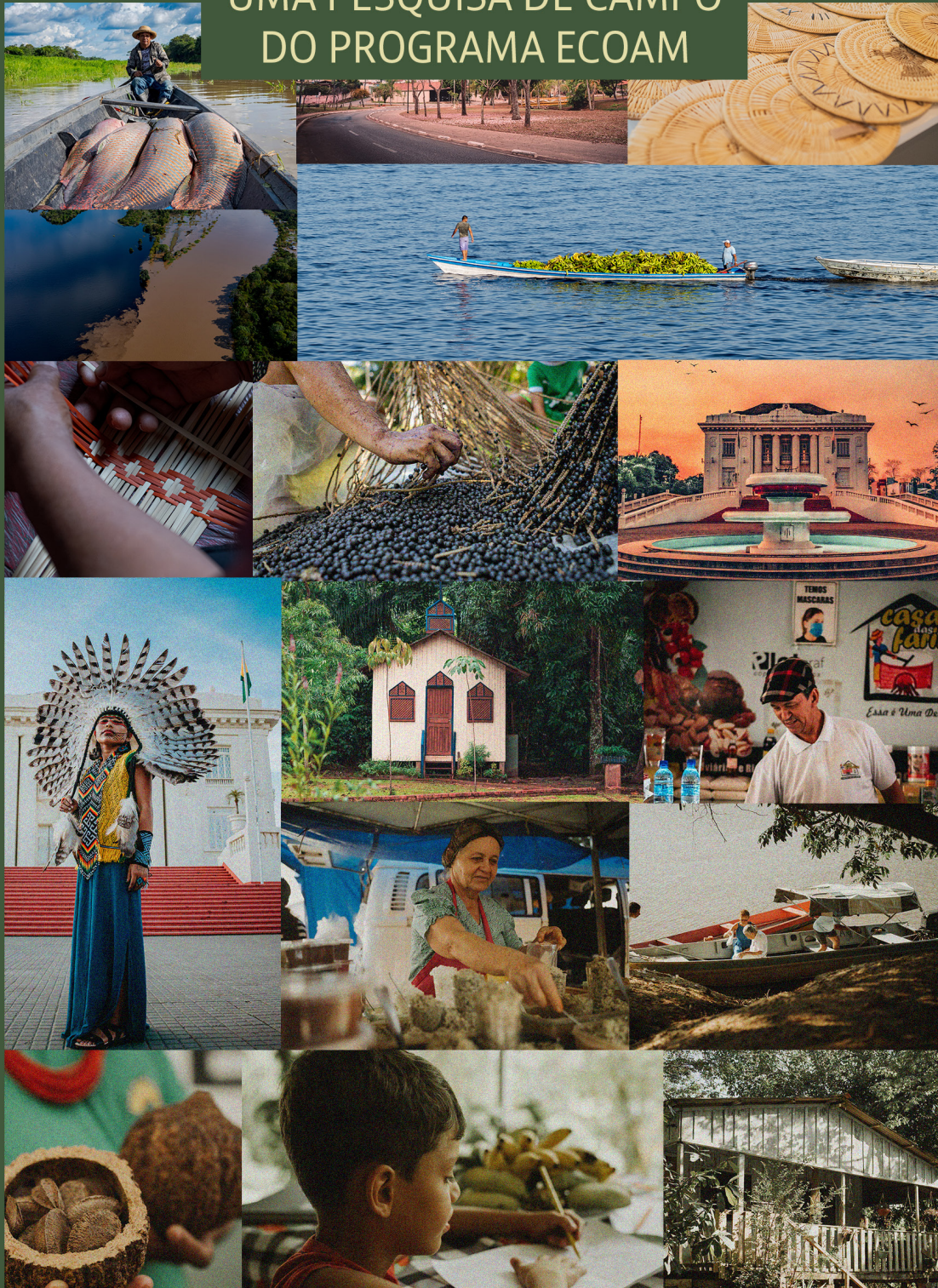


Bioeconomia e Territórios da Amazônia

UMA PESQUISA DE CAMPO
DO PROGRAMA ECOAM



Edição: Ji-Paraná (RO),
Rio Branco (AC) e Tefé (AM)



"Cacau em processo de fermentação, Amazoncoopa",
Meia3Três Studio (OURO PRETO D'OESTE)

SUMÁRIO

4. BOAS-VINDAS

5. O PROGRAMA ECOAM

6. COMO FOI CONSTRUÍDA A PESQUISA

10. O QUE REVELARAM OS TERRITÓRIOS

12. AS VÁRIAS AMAZÔNIAS

14. A PESQUISA: JI-PARANÁ, RONDÔNIA

26. A PESQUISA: RIO BRANCO, ACRE

38. A PESQUISA: TEFÉ, AMAZONAS

50. O CAMINHO PERCORRIDO

54. A FOZ: AGRADECIMENTOS

56. CONHECENDO A EQUIPE

REALIZAÇÃO:



REALIZAÇÃO PARCEIRA
DA REVISTA:



Há dez anos, quando o Impact Hub Manaus nasceu, tínhamos um sonho de ser ponte entre pessoas e ideias de impacto, cujo objetivo era transformar realidades na cidade de Manaus. Com o tempo, esse objetivo foi ganhando contornos até se concretizar no espaço, na comunidade e nos projetos que temos hoje. Durante essa jornada, pudemos conversar e trocar com diversos fazedores que também sonhavam com uma Amazônia próspera e essas pessoas também. Ajudaram a moldar e a expandir o jeito como enxergamos o nosso território. Assim, Manaus se tornou Amazônia e nossas causas comprometidas com toda a região, onde queremos reverter indicadores sociais, construir a partir da Amazônia e possibilitar que as pessoas que aqui vivem tenham o direito de viver bem e de ficar nos seus territórios.

Tornar sonho em realidade é muito desafiador, mas queríamos fazer isso do nosso jeito, de forma coletiva, justa e divertida. Hoje, trabalhamos junto com organizações e pessoas das muitas Amazonas, reconhecendo que cada uma delas carrega sua própria força, identidade e sabedoria.

Uma expressão concreta desse movimento é o Programa EcoAm – Fomentando Ecossistemas de Impacto na Amazônia, criado em 2024 e atualmente em fase piloto nos territórios de Ji-Paraná (RO), Rio Branco (AC) e Tefé (AM). Por meio dele, temos aprendido que a Amazônia ensina mais do que qualquer manual. Ela ensina a escutar, a respeitar e a valorizar o tempo, as pessoas e os saberes. Juntos estamos avançando e inovando a partir do chão.

Este mapeamento nasce desse aprendizado coletivo. É fruto de um caminho feito com conversas, viagens, encontros e escutas. Em cada território, ouvimos vozes que revelam uma Amazônia múltipla: produtiva e criativa, mas também desafiada por desigualdades, distâncias e silêncios. Encontramos mulheres que lideram cooperativas, jovens que transformam saberes em soluções e comunidades que fazem da floresta uma escola viva de economia e cuidado.

Mais do que um diagnóstico, este trabalho é um convite para enxergar o desenvolvimento a partir das pessoas, e não apenas dos números. É um convite a reconhecer que a bioeconomia não é um conceito distante, mas uma prática cotidiana presente nas feiras, nas margens dos rios, nos quintais e nas universidades.

A Amazônia é, ao mesmo tempo, nossa casa e nossa responsabilidade. Que este material inspire novas conexões, políticas e compromissos, para que o futuro sustentável que buscamos seja vivido desde já, nos territórios, nas comunidades e em cada gesto de quem acredita que outro modelo de desenvolvimento é possível.

Juliana Teles e Marcus Bessa, sócia e sócio fundadores do Impact Hub Manaus





O EcoAm é um programa criado pelo Impact Hub Manaus com o objetivo de fomentar os ecossistemas de bioeconomia na Amazônia. Lançado em 2024 em parceria com o BID Lab, o Instituto Meraki e o SE-BRAE Amazonas, o programa escolheu os territórios de Ji-Paraná (RO), Rio Branco (AC) e Tefé (AM) para a realização de seu projeto piloto. Territórios estes localizados na Amazônia Ocidental e que já contam com pessoas, organizações e redes de fomento à bioeconomia.

O programa nasceu do desejo de descentralizar investimentos e trabalhar em conjunto com quem faz a bioeconomia na Amazônia acontecer dentro dos seus territórios. A ideia é olhar os ecossistemas com um todo, unindo empreendedorismo, políticas públicas, cultura e protagonismo local, conectando negócios, organizações, governos e investidores em torno de um mesmo horizonte: uma Amazônia rica para a grande parte da população que mora aqui. Que gere emprego, renda e cultura a partir da sua abundância e em harmonia com a floresta.

Cada território representa uma expressão singular da Amazônia. Em Tefé, as cidades pulsam enquanto a bioeconomia vem principalmente das roças e águas, que moldam o cotidiano e o manejo comunitário. Em Rio Branco, a cultura extrativista das reservas, das áreas protegidas e a inovação das universidades se encontram na busca por um novo equilíbrio produtivo. E em Ji-Paraná, a floresta e o campo dialogam em um território de transição e reconstrução, que procura caminhos sustentáveis para seu futuro.

O que apresentamos neste material é parte do trabalho que realizamos nos territórios por meio do EcoAm. Aqui, o que você vai ler foi produzido a partir das vozes de produtores, empreendedores, lideranças indígenas, representantes de instituições, do poder público e de jovens que fazem a bioeconomia acontecer dia após dia. Este mapeamento reúne percepções, histórias e aprendizados sobre o que é, na prática, construir uma bioeconomia de verdade: aquela que nasce da vida cotidiana e da força dos territórios.

Convido você a ler essas páginas e espero que elas consigam mostrar oportunidades, desafios e um caminho abundante para estes territórios da Amazônia.

Washington Silva,
Coordenador do Programa EcoAm.



O CAMINHO DA PESQUISA E COMO ELA FOI CONSTRÚIDA

A Amazônia é mais do que floresta. É um território onde o conhecimento nasce do convívio, da prática e das relações. Entender seus caminhos exige escuta, presença e sensibilidade. É um exercício de observação e diálogo, de aproximação com quem vive e constrói o cotidiano da floresta. Este trabalho nasce desse gesto: olhar para a Amazônia de dentro, a partir de suas vozes, suas economias, seus saberes e suas contradições.

A proposta é compreender o que move os territórios e o que pode ser transformado quando as pessoas são colocadas no centro das conversas sobre desenvolvimento.

Esta pesquisa foi conduzida a partir de um processo de escuta

ampla e colaborativa. Foram realizadas entrevistas com produtores, cooperativas, representantes do poder público, instituições de ensino e pesquisa, organizações sociais e empresas ligadas à bioeconomia. Essas conversas, presenciais e online, ajudaram a revelar não apenas dados, mas percepções, sentimentos e visões de futuro.

A escolha dos territórios para o piloto do programa EcoAm levou em conta a diversidade das Amazônias, priorizando inicialmente três territórios que representam diferentes realidades e contextos regionais.

Mais do que levantar informações, o processo buscou criar conexões entre saberes. Cada fala foi tratada como parte de

um mosaico maior, permitindo compreender a Amazônia como um sistema vivo de pessoas, economias, culturas e ecologias em constante movimento.

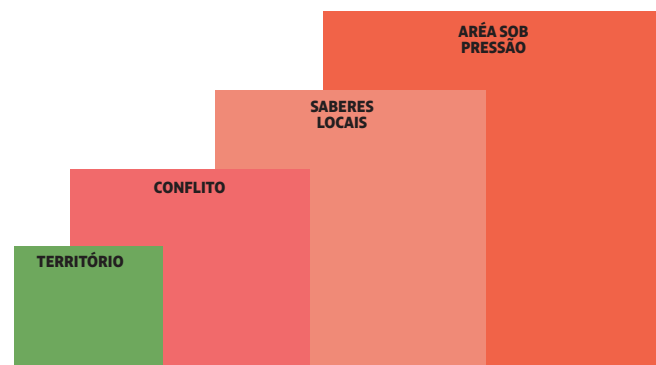
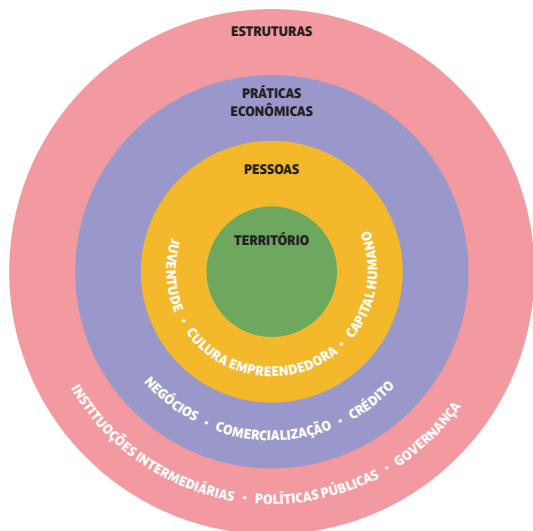
Para organizar o conhecimento gerado em campo, foram criados os Mapas Estruturantes Integrativos — ferramentas que reúnem e traduzem, de forma visual e analítica, a complexidade dos territórios pesquisados.

Esses quatro mapas, apresentados a seguir, não são apenas instrumentos de análise, mas também espaços de diálogo. E foram desenvolvidos junto com os próprios atores locais, transformando percepções em leitura compartilhada.



"Manejador de Pirarucu transportando o peixe em sua canoa", Miguel Monteiro (TEFÉ)

MAPAS ESTRUTURANTES INTEGRATIVOS

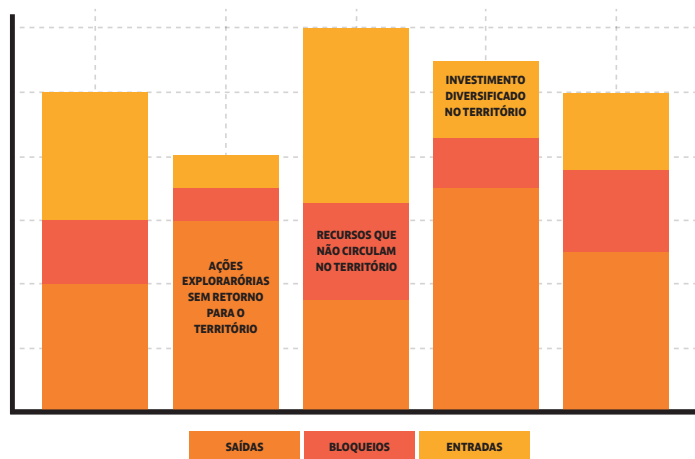


VISÃO SISTÊMICA DO TERRITÓRIO:

apresenta o território como uma rede viva, formada por pessoas, práticas produtivas, saberes e instituições que se conectam e se influenciam mutuamente.

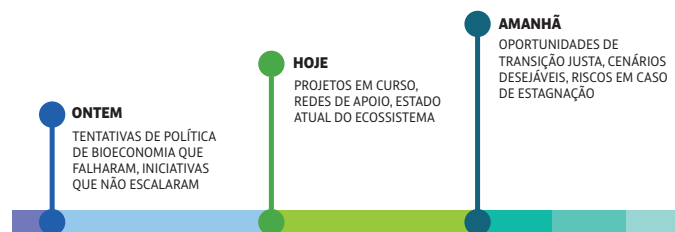
ZONAS CRÍTICAS:

identifica as áreas e dimensões mais vulneráveis, onde se concentram tensões sociais, desigualdades e desafios ambientais.



FLUXOS DE PODER E VALOR:

mostra como circulam os recursos, decisões e benefícios, revelando quem tem voz e acesso, e quem ainda está à margem.



LINHA DO TEMPO TERRITORIAL:

reconstrói os principais marcos, mudanças e aprendizados que moldaram o presente de cada território, conectando passado e futuro.



"Encontro do Rio Solimões e do Lago de Tefé visto de cima",
Miguel Monteiro (TEFÉ)

“AS POLÍTICAS PRECISAM SER CONSTRUÍDAS JUNTO COM QUEM DE FATO VIVE E CONHECE A FLORESTA, NÃO APENAS NO PAPEL”

Elenira Mendes, advogada e filha de Chico Mendes, (RIO BRANCO)

Em conjunto, os quatro mapas permitem enxergar os territórios da Amazônia de forma integrada, articulando dimensões econômicas, sociais, culturais e políticas. São um retrato vivo da diversidade amazônica e das relações que sustentam a vida no território.

A pesquisa foi também guiada por um princípio simples: ninguém entende um território melhor do que quem vive nele. Por isso, todo o processo foi

construído de maneira participativa, valorizando a troca de experiências e a leitura compartilhada.

Além das entrevistas realizadas com pessoas dos territórios, o Impact Hub Manaus realizou três encontros presenciais, que ficaram conhecidos como Vozes que EcoAm.

Nestes eventos foram apresentadas uma prévia do que tinha sido encontrado nas entrevistas

e em conjunto, desenvolveram-se as informações, fez-se uma nova escuta, dessa vez coletiva, e reuniu-se novos aprendizados.

Os encontros do Vozes que EcoAm foram momentos-chave desta metodologia. Foi a partir deste que as informações retornaram para as comunidades e pessoas de diferentes organizações se encontraram e conversaram, criando um ambiente ainda mais propício a transformação exponencial e conjunta.



"Marcus Bessa, Co-Fundador da Impact Hub Manaus", Thiago Willian (RIO BRANCO)



"Participantes do Vozes que EcoAm no Museu dos Povos Acreanos", Thiago Willian (RIO BRANCO)



O QUE OS TERRITÓRIOS REVELARAM

"Centro Cultural Coopaiter - Cooperativa de Produção
e Desenvolvimento do Povo Indígena Paiter Surui",
Meia3Três Studio (CACOAL)

A leitura dos três territórios fortaleceu a imagem de uma Amazônia múltipla, feita de diferenças e convergências.

Em **Ji-Paraná (RO)**, o avanço urbano e a pressão sobre os recursos exigem novas estratégias para reconectar a produção com a floresta respeitando o desenvolvimento local.

Em **Rio Branco (AC)**, a floresta convive com a expansão da agropecuária. O desafio está em equilibrar cadeias produtivas e fortalecer a bioeconomia como alternativa viável de renda e preservação.

Em **Tefé (AM)**, as águas moldam a vida. O manejo do pirarucu, a farinha de Uarini e outros produtos da floresta mostram como o conhecimento tradicional se reinventa nas novas formas de produção sustentável e gestão comunitária.

Cada lugar expressa um modo próprio de resistir e reinventar-se, mas todos apontam para o mesmo horizonte: uma Amazônia que quer permanecer viva e próspera, sem precisar escolher entre natureza e economia.

Esta revista nasce do desejo de devolver às pessoas o conhecimento construído a partir delas. Mais do que uma publicação, é um convite à reflexão sobre o presente e o futuro da Amazônia, um chamado à responsabilidade compartilhada. O projeto busca fortalecer as redes locais, ampliar o olhar sobre a bioeconomia e inspirar novas práticas de desenvolvimento que valorizem quem vive e trabalha no território.

Trata-se de reconhecer que a Amazônia é um espaço de criação e aprendizado, onde o futuro sustentável do Brasil já está sendo experimentado, mesmo diante dos desafios. Escutar a Amazônia é reconhecer que o conhecimento nasce também das margens. É entender que cada comunidade, cada produtora, cada jovem que decide ficar contribui para uma nova forma de pensar desenvolvimento.

As páginas que seguem reúnem histórias, diagnósticos e ideias que mostram a força desse território, não como uma promessa distante, mas como realidade que já está posta. A Amazônia ensina, inspira e resiste, e talvez seja isso o mais importante. A floresta não fala sozinha, mas por meio das pessoas que a cultivam todos os dias.



AMAZÔNIA: TERRITÓRIO QUE PENSA, SENTE E PRODUZ

Entre as águas de Tefé, as fronteiras de Rio Branco e as encruzilhadas de Ji-Paraná, a Amazônia se revela como um só território, múltiplo em expressões, mas unido pelo esforço de viver e produzir em equilíbrio com a floresta.

Um território que pensa e sente, onde a floresta, as cidades e as pessoas estão conectadas por interdependências sutis. Aqui, cada gesto cotidiano como plantar, pescar, manejar, vender, ensinar tem dimensão política. É nesse entrelaçamento entre o natural e o social que se constrói a ideia de Amazônia como corpo que respira pela floresta, se alimenta das águas e se movimenta pelas mãos de quem o habita. Mais do que um bioma, a Amazônia é uma rede de relações. Uma ecologia humana e simbólica que ultrapassa fronteiras estaduais e revela diferentes modos de lidar com a vida, o trabalho e o território.

Em **JÍ-PARANÁ (RO)**, a Amazônia se encontra com o asfalto. O avanço urbano e o histórico de desmatamento convivem com esforços de reorganização econômica e social. As cadeias do café, do cacau e da castanha tentam se consolidar, enquanto cooperativas e pequenos produtores buscam acesso a crédito, assistência técnica e mercados. A juventude rural expressa o desejo de permanecer, mas a falta de oportunidades ainda empurra muitos para fora. Ji-Paraná é o retrato da Amazônia em reconstrução, um território em busca de novos equilíbrios.

Em **RIO BRANCO (AC)**, a floresta convive com a fronteira produtiva. Ali, 15% do território já está voltado à agropecuária, com cadeias de frango, peixe e grãos, enquanto os outros 85% permanecem sob a lógica da floresta, sustentando a economia da castanha, do cacau, dos óleos vegetais e da borracha. A bioeconomia se afirma como alternativa, mas enfrenta o desafio da fragmentação institucional e da desigualdade na distribuição de valor. A capital acreana simboliza a Amazônia das transições, onde o passado extrativista pode se encontrar com o futuro sustentável, mas o presente ainda exige coordenação, planejamento e compromisso político.

Em **TEFÉ (AM)**, o cotidiano é moldado pelas águas. A cidade e suas comunidades ribeirinhas vivem o ritmo das cheias e vazantes, sustentadas por cadeias tradicionais como a farinha, o pirarucu, a castanha, além de estar rodeada de Unidades de Conservações que mantêm a floresta em pé. As mulheres têm assumido papéis centrais em associações e negócios locais, enquanto os jovens aprendem a conciliar os saberes tradicionais com novas formas de tecnologias. Tefé expressa uma Amazônia comunitária, onde o conhecimento ancestral se combina com o aprendizado técnico e autonomia.

“**SE A GENTE PERDER A NOSSA CULTURA, POR MAIS QUE TENHA GAVIÃO FORMADO EM DIREITO, EM MEDICINA (...) SE NÃO TIVER A BASE CULTURAL FORTE, OS GAVIÃO PERDE A SUA IDENTIDADE.**”

Josias Sebirope Gavião, fundador da Associação Indígena ASSIZA (JÍ-PARANÁ)

Esses três contextos revelam mais semelhanças do que diferenças. São expressões de uma mesma Amazônia, diversa em práticas, mas unida por uma mesma pergunta: como produzir sem romper com a floresta e sem perder o sentido de pertencimento?

Em todos os lugares, a bioeconomia aparece como ponto de convergência. Não apenas como política pública ou tendência de mercado, mas como tradução contemporânea de práticas que já existiam muito antes de receberem esse nome. A economia da floresta é, essencialmente, uma economia do cuidado. Dela dependem a renda, a cultura e o futuro de milhares de famílias.

O que se observa nos três territórios é a tentativa de consolidar um novo modelo de desenvolvimento, com outro ritmo, mais próximo das pessoas e menos dependente de grandes investimentos externos. As soluções emergem de dentro, nas associações e cooperativas de Tefé, nas redes produtivas de Rio Branco, nos arranjos de comercialização em Ji-Paraná. Há uma busca constante por autonomia, mesmo em meio à ausência de infraestrutura, de políticas coordenadas e de garantias de mercado.

Essa vivência territorial é o que dá forma à bioeconomia amazônica. Ela não nasce dos gabinetes, mas das feiras, das cozinhas, das margens dos rios, das pequenas decisões que conectam a sobrevivência à sustentabilidade.

As falas recolhidas ao longo das pesquisas revelam uma Amazônia que entende profundamente seus próprios dilemas. Os gargalos são conhecidos: dificuldade de acesso a crédito, logística precária, burocracia, descontinuidade de políticas públicas, concentração de renda e dependência de recursos externos. O reconhecimento desses problemas vem acompanhado também de uma visão crítica e madura sobre o que precisa mudar.

As mulheres aparecem como agentes de estabilidade e inovação. Elas organizam, lideram e inspiram. Os jovens, embora divididos entre o desejo de partir e o de permanecer, começam a enxergar valor naquilo que antes parecia limitado à tradição. E as comunidades indígenas e ribeirinhas reafirmam que não há futuro sustentável sem inclusão e protagonismo.

Entre avanços e contradições, o que se vê é um território que aprendeu a resistir produzindo. A resistência amazônica não está apenas nos discursos ou nas denúncias, mas também na capacidade de transformar desafios em soluções locais.

O QUE UNE AS AMAZÔNIAS

Por baixo das diferenças de paisagem e contexto, há um fio comum: a busca por autonomia territorial. Em Tefé, ela passa pelo fortalecimento das associações comunitárias e desenvolvimento tecnologias sociais sustentáveis. Em Rio Branco, pela tentativa de alinhar instituições, cooperativas e governos. Em Ji-Paraná, pelo esforço de reconectar a produção à floresta.

A Amazônia não é homogênea e nem romântica. É complexa, contraditória, criativa e profundamente política. É uma região que formula, que pensa soluções, que se reinventa diante das pressões externas e internas. Mais do que um espaço a ser preservado, ela é um espaço a ser compreendido.

O futuro não se constrói com fórmulas prontas. Ele depende da capacidade de ouvir as comunidades, respeitar seus tempos e reconhecer o valor dos saberes locais. As três regiões estudadas mostram que o desenvolvimento sustentável não é uma utopia distante, mas um processo em curso, feito de pequenas vitórias cotidianas.

A Amazônia é, hoje, um laboratório do que está por vir, que tece conhecimento técnico e tradição, economia e cultura, floresta e cidade. E que está em jogo não é apenas a sobrevivência de um ecossistema, mas a possibilidade do Brasil e do mundo aprenderem um outro modo de viver.

Falar da Amazônia é falar de interdependência. Das relações que sustentam o planeta, mas também das escolhas políticas e sociais que definem como viveremos nos próximos anos. O que se vê em Tefé, Rio Branco e Ji-Paraná não são fragmentos isolados, e sim partes de uma mesma narrativa de um território que continua gerando conhecimento, cuidado, trabalho e esperança.

A Amazônia pensa. E quando pensa, aponta caminhos. Caminhos que não passam apenas pela conservação da floresta, mas pela valorização das pessoas que fazem dela um lugar possível.





"O coração da cidade", Meia3Três Studio (JI-PARANÁ)



JI-PARANÁ

QUANDO O TERRITÓRIO VOLTA A RESPIRAR

No coração de Rondônia, o território revela sua força ao reconectar pessoas, natureza e futuro. A bioeconomia surge não como conceito técnico, mas como linguagem de pertencimento e possibilidade de recomeço.

Ji-Paraná é o encontro de muitos mundos. Entre rios, pastos, matas e ruas cheias de vida, a região tem tempo próprio, feito de trabalho, fé e movimento. É o ponto de passagem entre o norte e o sul de Rondônia, mas também o lugar onde a Amazônia e o Cerrado se tocam, onde o asfalto cruza a floresta e a história se escreve todos os dias.

As manhãs cheiram a terra úmida e leite fresco. Nos bairros e comunidades, o som das motos divide espaço com o canto dos pássaros e o vozerio das feiras. A cidade se expande enquanto o campo resiste. E é nesse contraste que mora a potência, uma força que nasce do convívio entre quem planta, quem ensina, quem transforma e quem sonha.

Mais do que uma cidade, é um ponto de convergência. É

onde o antigo e o novo tensionam, entre o campo e o urbano, o que já foi extraído e o que ainda pode florescer. O território é vivo, cheio de gente que insiste em fazer da própria terra o lugar onde a hora é agora. O que move Ji-Paraná são as pessoas, são agricultores que reinventam a produção familiar, mulheres que criam cooperativas de mel e sabão artesanal, jovens que descobrem no açaí, no cacau e no peixe novas formas de viver da floresta. São professores, líderes comunitários, técnicos, artistas e empreendedores que, com poucos recursos, constroem muito.

O território tem uma energia que nasce da prática, da cooperação, da vizinhança e do aprender fazendo. A universidade e o campo se encontram, ainda que timidamente. A fé continua sendo ponte.

“

**NA DIVISA DO TERRITÓRIO
EXISTEM MUITOS COLONOS (...)
ELES USAM MUITO AGROTÓXICO
E AFETA MUITO O RIO, NÉ...
NESSE RIO QUE A GENTE
BANHA, QUE TEM OS PEIXES.”**

Lana Surui, liderança feminina do Povo Paiter Suruí (JI-PARANÁ)





Das igrejas e escolas surgem redes de solidariedade que mantêm a vida comunitária viva quando as políticas públicas falham.

Aqui, a bioeconomia não é uma palavra estrangeira. É o nome que, aos poucos, vai se dando ao modo de viver que sempre existiu: o de tirar da terra o necessário, sem esgotá-la. Ji-Paraná produz valor mesmo quando não percebe. Cada barraca de feira, cada roçado, cada pequeno negócio é uma semente de transformação. O que falta é reconhecimento e conexão, ver o que já está de pé como parte de um mesmo ecossistema.

DESAFIOS E TENSÕES

O território também sente. Ji-Paraná faz brotar riqueza da terra e das mãos que trabalham, mas parte desse valor se dispersa antes de criar raízes. O desafio agora é fazer com que o que nasce aqui, permaneça e floresça aqui.

Os pequenos produtores enfrentam burocracia e desconfiança das grandes empresas. O crédito não chega a quem mais precisa. Mulheres e comunidades indígenas ainda lutam por espaço nas decisões. Jovens talentosos deixam sua terra por falta de oportunidades, e muitos dos que ficam trabalham sem vislumbrar um bom futuro.

A floresta, por sua vez, segue em risco. O discurso ambiental cresce, mas a prática ainda se guia pelo gado e pela soja. A lógica permanece no processo de conciliar o que já se sabe ser possível para viver bem da terra, com as demandas e velocidade do mercado.





"Feira livre", Meia3Três Studio (JI-PARANÁ)

Produtores, lideranças comunitárias e organizações locais reconhecem o que está errado, e, mais do que isso, sabem o que precisa mudar. Há, entre eles, um desejo coletivo de construir um modelo que una produtividade, cultura e floresta viva, rompendo com lógicas antigas de exploração e exclusão. Essa tensão é um alerta para os riscos de repetir velhas práticas que enfraquecem o território, e um convite para reinventar as formas de produzir, viver e cuidar da Amazônia.

SINAIS DE FORÇA E OPORTUNIDADES

Em meio às contradições, surgem sinais de mudança. Cooperativas de mulheres ganham espaço. Associações comunitárias redescobrem a força da organização. Escolas e universidades começam a aproximar o saber técnico

do saber local. Há jovens que voltam ao campo, professores que ensinam agroecologia, igrejas que falam sobre sustentabilidade e empreendedores que descobrem valor no que antes era descartado.

A população traça novos caminhos. O mel produzido nas margens do rio Cautário, o cacau de sabor amazônico, o peixe cultivado com respeito à água e o turismo de base comunitária que começa a nascer formam uma rede invisível que já movimenta a bioeconomia, mesmo sem nomeá-la. Essas experiências mostram que Ji-Paraná não parte do zero.

Existe conhecimento, vontade e prática. Falta articulação, pontes entre quem produz e quem investe, entre quem ensina e quem faz, entre o poder público e o território real. O futuro não está num projeto importado, mas no reencontro

com o que já é seu. Está em reconhecer que a bioeconomia não começa com editais, mas com histórias de quem faz o que pode com o que tem e de quem insiste em ficar.

Os próximos passos pedem ousadia e escuta. É hora de criar espaços onde mulheres, jovens e povos tradicionais possam decidir o rumo. De aproximar bancos e cooperativas da vida real, com crédito simples e acessível. Apoiar quem transforma a floresta em sustento e quem transforma o conhecimento em ferramenta de mudança.

O caminho não é linear, é rizomático como a própria floresta. Cada raiz puxa outra, cada pessoa é ponto de poder. Ji-Paraná já tem muito do que precisa para se reinventar. Talento, fé, solidariedade e uma economia que urge sob a superfície, pedindo para ser reconhecida e valorizada. A bioeconomia brota do território. E quando o território volta a respirar, todo o futuro se torna possível.

“**COMO É QUE A GENTE COMUNICA COM ESSA JUVENTUDE? COMO É QUE A GENTE INSERE ELES NA PRODUÇÃO, NÉ, E NA COMERCIALIZAÇÃO?**”

Marcio Ferreira de Araújo, presidente da COAPERNAPE (JI-PARANÁ)



Meia3Três Studio (JI-PARANÁ)

ESTRUTURA, CAPITAL E VONTADE DE CRESCER

Os números também contam histórias, e em Ji-Paraná, eles revelam um território em plena construção. Por trás dos dados e siglas, há gente formando, empreendendo e inovando. O levantamento realizado mostra que ao menos vinte e duas instituições atuam hoje no apoio, no fomento e na formulação de políticas públicas locais. Elas vão das universidades, e o a UNIR (Universidade Federal de Rondônia), até programas de extensão universitários e cooperativas que traduzem o conceito de desenvolvimento sustentável em prática diária.

A rede de apoio inclui o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), a UNICAFES-RO (União Nacional das Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária), o PECSOL (Programa de Educação do Cooperativismo Solidário), o IPER (Instituto Padre Ezequiel Ramin) e o Avança Ji-Paraná, cada um, atuando em uma ou mais frentes, seja de formação, crédito, política, articulação e cultura. Juntas, essas organizações constroem a base de um ecossistema que ainda está se conectando, mas já demonstra força e propósito.

O território também é fértil em negócios de impacto e cooperativas. O estudo mapeou pelo menos 25 empreendimentos ativos, entre cooperativas indígenas, associações de agricultores familiares e marcas de produtos sustentáveis. É o caso da Cacau Raiz, dos Chocolates Jarú, da Toque Amazônico, da Loja da Floresta, da Cooperativa de Produtores de Leite e Agrícola, Cooperativa dos Produtores e Agricultores Familiares de Cacoal, entre outras que

mostram que inovação e tradição podem caminhar juntas. São negócios que unem o saber comunitário à tecnologia, gerando renda e identidade para quem vive do que a floresta oferece.

Nas políticas públicas, Ji-Paraná vive um momento de transição. Programas como o Proampe (Programa de Microcrédito Produtivo Orientado), o PRONAF Bioeconomia (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar - Bioeconomia) e o FNO (Fundo Constitucional de Financiamento do Norte) mostram que há capital disponível, mas ainda pouco acessível às bases produtivas. Outros projetos, como o Rondônia Day Tour, o Plano de Bioeconomia de Rondônia e o Rondônia Tem Tudo, começam a dar visibilidade ao que o estado. O desafio é fazer com que essas políticas cheguem até quem produz, e não fiquem apenas no papel.

A presença de linhas de crédito e programas estaduais sinaliza que o dinheiro existe; o que falta é fluxo. O território pede menos burocracia e mais conexão. Cada cooperativa, cada negócio e cada escola é uma célula desse organismo vivo que se chama bioeconomia. E quando o crédito, o conhecimento e o mercado se encontram, nasce um novo ciclo da autonomia local, da renda sustentável e da valorização da identidade rondoniense.

Ji-Paraná começa a entender que crescer não é apenas atrair investimentos, é distribuir oportunidades. O território está pronto para dar o próximo passo, transformar potencial em escala e números em histórias que inspiram.



Meia3Três Studio (JI-PARANÁ)

A BIOECONOMIA QUE FLORESCE NO TERRITÓRIO

Em Ji-Paraná, o produto tem rosto e a cadeia produtiva tem história. Nas feiras, nos galpões, nas cozinhas comunitárias e nas margens dos rios, desponta um conjunto de marcas e iniciativas que traduzem o que a bioeconomia significa na prática. A paisagem empreendedora reúne a força da agricultura familiar, o conhecimento de povos indígenas, a criatividade de coletivos de mulheres e a persistência de quem decidiu ficar para transformar o que tem à mão em sustento e identidade.

As cadeias aparecem com nitidez. O pescado e a piscicultura se fortalecem com a organização de produtores e melhores práticas de manejo. O mel confirma uma vocação de autonomia e cooperação, com potencial para agregar valor em rotulagem, selos e comercialização organizada. O cacau ganha espaço com marcas que apostam em qualidade, origem e experimentação, abrindo caminho para chocolates de terroir e subprodutos com assinatura local. A castanha, os óleos vegetais e os cosméticos naturais mostram a potência do cuidado como economia, conectando floresta, ciência e bem-estar. O artesanato e as biojoias revelam estética e memória, abrindo portas para um turismo de base comunitária que respeita o local.

A agricultura familiar permanece como base, gerando diversidade de alimentos e mantendo viva a relação entre cultura e comida.

As marcas que surgem nesse contexto ajudam a contar a história do lugar. Há quem faça chocolate a partir de cacau selecionado, quem produza mel e acessórios apícolas com técnica e simplicidade, quem transforme saberes de mulheres em cosméticos naturais, quem crie vitrines para produtos indígenas e extrativistas, quem recicle vidro para devolver leveza ao ambiente, quem organize a venda da castanha e quem dê nova vida às feiras. Essa constelação não pertence apenas à economia, pertence às famílias, às comunidades e aos modos de vida que sustentam o cotidiano de Ji-Paraná.

Os números ainda não contam tudo o que o território faz. Além dos indicadores formais, programas como o PAA e o PNAE ajudam a dinamizar as cadeias locais, garantindo mercado e renda para agricultores familiares. As cooperativas de crédito, como Sicoob e Sicredi, ampliam o acesso a financiamento e fortalecem a circulação de recursos dentro dos municípios.

Ao lado delas, o Sebrae e a UNICAFES-RO apoiam o crescimento de pequenos negócios e empreendimentos

coletivos. Juntas, essas iniciativas movimentam a bioeconomia e revelam o que existe por trás dos números.

A identidade territorial também se fortalece quando produtos e marcas são apresentados com origem e rastreabilidade. A referência à Indicação Geográfica do tambaqui do Vale do Jamari administrada pela Acripar (Associação dos Criadores de Peixes do Estado de Rondônia) inspira um caminho claro para cadeias como cacau, mel, castanha e óleos. O investimento em rotulagem, boas práticas, certificações sanitárias e comunicação de origem entrega preço melhor ao produtor e confiança ao consumidor. Fotografar quem produz, o que se produz, como se produz e onde se produz é parte do mesmo gesto. É dar nome e imagem ao que alimenta a cidade, é consolidar uma identidade.

Ji-Paraná tem vocação, cadeias se organizando e vontade de crescer com o pé no chão. O próximo passo é conectar produção, crédito e mercado, para que a renda circule onde o trabalho acontece e para que a floresta permaneça como fonte de vida, memória e oportunidade.

CADEIAS PRODUTIVAS E ESPAÇOS DE PRODUÇÃO DO TERRITÓRIO

- Agricultura familiar diversificada
- Agroindústria de alimentos locais
- Agroextrativismo de pequeno porte
- Artesanato de madeira e sementes
- Beneficiamento de resíduos agroindustriais (reaproveitamento e compostagem)
- Café amazônico
- Cacau fino e nativo
- Castanha-do-Brasil
- Comércio e feiras solidárias locais
- Educação ambiental e agroecologia escolar
- Horticultura orgânica e feiras locais
- Mel e apicultura cooperada
- Pecuária de pequeno porte (bovinos e suínos)
- Pescado e piscicultura (peixe de tanque de rio)
- Produção artesanal de sabão e cosméticos naturais
- Produção cultural e musical comunitária
- Produção de mudas e viveiros agroflorestais
- Produção de óleos e essências
- Produção de polpas e frutas regionais (cupuaçu, graviola, açaí)
- Turismo rural e de base comunitária



POLÍTICAS PÚBLICAS QUE ABREM CAMINHO PARA A BIOECONOMIA

Em Ji-Paraná, as políticas públicas começam a se alinhar ao ritmo da floresta e à força de quem vive do que ela oferece. O município vem consolidando uma base de programas que apoiam a produção local, o crédito e a formação técnica. São políticas que, mesmo com limitações, têm ajudado a construir um ecossistema de oportunidades.

O PMAAF (Programa Municipal de Aquisição de Alimentos Familiar) e a Feira da Agricultura Familiar são exemplos de políticas que aproximam quem produz de quem consome. Eles fortalecem a renda, valorizam a agricultura familiar e garantem comida boa e local nas mesas da cidade. Ainda enfrentam desafios logísticos e de gestão, mas funcionam como porta de entrada para que novos produtos e cadeias da bioeconomia possam circular e ser reconhecidos.

O IFRO (Instituto Federal de Rondônia) também vem fazendo diferença. Os cursos de fruticultura, viveiricultura e bioeconomia formam jovens e técnicos que, com apoio de programas como o Proampe (Programa de Microcrédito Produtivo Orientado) e a UNICAFES-RO (União Nacional das Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária), podem transformar aprendizado em renda. O Proampe, com linhas de crédito adaptadas à realidade rural e urbana, tem se mostrado uma ferramenta poderosa para pequenos negócios sustentáveis, enquanto o IFRO prepara as mãos e mentes que o território precisa.

A Feira de Empreendedores e a plataforma digital Rondônia Tem Tudo, ambas coordenadas pela SEDEC (Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico), ajudam a dar visibilidade

às marcas locais. São vitrines vivas de uma economia que mistura tradição, criatividade e propósito. Já os Concursos de Qualidade do Café e do Cacau, organizados pela SEAGRI (Secretaria de Estado de Agricultura), trazem reconhecimento e estimulam o valor de origem, abrindo caminho para certificações e indicações geográficas.

O território também se projeta para o futuro com ações como o Plano de Bioeconomia de Rondônia, ainda em fase de construção, e com debates que vêm sendo articulados no Seminário Desenvolve Amazônia. São passos importantes para criar uma política estadual que se conecte de forma mais direta ao que acontece no campo e nas comunidades.

Os projetos potenciais já estão no horizonte. O acesso a mercado via UNICAFES-RO mostra que é possível encurtar o caminho entre o produtor e o consumidor. A formação técnica do IFRO abre espaço para incubadoras e negócios verdes liderados por jovens. E a criação de um selo territorial de produtos sustentáveis pode dar reconhecimento e valor ao que Ji-Paraná já faz tão bem, produzindo com cuidado, qualidade e sentido de pertencimento.

O poder público, quando se aproxima da vida real do território, não é só gestor, mas parceiro. Ji-Paraná tem em suas mãos a chance de transformar programas dispersos em uma política integrada de bioeconomia. O desafio agora é unir crédito, formação, governança e mercado em uma agenda comum. É hora de dar escala ao que a população oferece: gerar valor sem perder a alma.





"Margens do rio machado", Meia3Três Studio (JI-PARANÁ)

REDE TERRITORIAL ENTREVISTADA

UNIVERSIDADES E INSTITUIÇÕES DE ENSINO

- ANA LUCIA DENARDIN — REPRESENTANTE DA UNIVERSIDADE DE RONDÔNIA
- WALTER SIQUEIRA — COORDENADOR DA REDEINOVA
- ESTELA MARIS SAVOLDI — PROFESSORA DA FACULDADE UNIJIPA
- FRANÇUELA ALBUQUERQUE — PROFESSORA DA FACULDADE SÃO LUCAS
- MARCILEI SERAFIM — GESTOR DO PROJETO MAIS GESTÃO EM RONDÔNIA
- MAESTRO WENDEON FRANÇA — MAESTRO DO PROJETO ORQUESTRA EM AÇÃO
- ELIZANGELA RODRIGUES — LÍDER DO PROJETO TRIBO DAS ANTÔNIA
- DILEIA BRUN — DIRETORA DE CULTURA DO CENTRO DA MULHER EMPREENDEDORA E CULTURA
- MARCELO BARBOSA — LÍDER DA ASSEMBLEIA DE DEUS
- LANA SURUI — LIDERANÇA FEMININA DO POVO PAITER SURUI
- TAMINE NABIHA — ATENDENTE SESC
- FRANCISCO MARCOS — REPRESENTANTE DO INSTITUTO PADRE EZEQUIEL RAMIM

ORGANIZAÇÕES COMUNITÁRIAS E COOPERATIVAS DA BIOECONOMIA

- VITALINA ORNELIS — PRESIDENTE DA CO-
PLEAGRI (COOPERATIVA DE PRODUTORES
DE LEITE E AGRÍCOLA)
- STHEFANY RESENDE — CONSULTORA DA
ASSOCIAÇÃO ASSIZA (ASSOCIAÇÃO INDÍ-
GENA ZAVIDJAJ DJIGÚHR)
- JOSIAS CEBÍROP GAVIÃO — FUNDADOR
ASSOCIAÇÃO INDÍGENA ASSIZA E LÍDER DO
POVO GAVIÃO
- RAIMUNDO UMBELINO — REPRESENTANTE DA COPPESCA (COOPERATIVA DE
PESCADORES)
- MANOEL BATISTA — LÍDER DA ASSOCIA-
ÇÃO DE PESCADORES DE JI-PARANÁ
- MARCIO FERREIRA DE ARAÚJO — PRESI-
DENTE DA COAPERNAPE
- GUSTAVO PERALTA — PRODUTOR RURAL
- CÉLIO ARARA — LIDERANÇA ARARA

SOCIEDADE CIVIL, CULTURA E REPRESENTAÇÃO SOCIAL

- MARCIA REGINA DE SOUZA — REPRESENTANTE DO MOVIMENTO ESCOLA E POLÍTICA

GOVERNANÇA, POLÍTICAS PÚBLICAS E SETOR INSTITUCIONAL

- AILTON DOS SANTOS — REPRESENTANTE DO SINDICATO DOS PRODUTORES RURAIS DE PRESIDENTE MÉDICI
- SUIANNY BARBOSA — SECRETÁRIA DA JUVENTUDE DA UNICAFES BRASIL
- SANDRO SOUZA DA SILVA — PRESIDENTE DO SISTEMA UNICAFES RO
- MAXIMILIANO DEITOS — JUIZ DA COMARCA DE JI-PARANÁ
- PATRICIA PERIOTO — ANALISTA SEBRAE
- NAYARA TRINDADE — DIRETORA EXECUTIVA DO AVANÇA JI-PARANÁ

EMPREENDEDORISMO, CRÉDITO E MERCADO

- LIAH SABINO — ANALISTA SEBRAE
- EDUARDO PASSOS — AGENTE DE CAMPO DA RIO TERRA
- MICHAEL GOMES — REPRESENTANTE DAS COOPERATIVAS DE CRÉDITO
- ANDRÉ FELIPE — GESTOR DE FROTAS DA RICAL



"Pôr do Sol no Palácio Rio Branco", Fernando Menezes (RIO BRANCO)

A photograph of a classical building with columns and a fountain, with birds flying in the sky. The image has a warm, orange-toned filter. A blue banner with white text is overlaid on the right side.

RIO BRANCO

A FLORESTA E O FUTURO COMO CORAÇÃO DA BIOECONOMIA

Na capital do estado, Rio Branco, a tradição extrativas e a inovação brotam das universidades, há uma rede viva de pessoas, saberes e iniciativas que mostram que desenvolvimento e floresta podem caminhar juntos.

Rio Branco é um ponto de encontro. A capital acreana é a síntese de um estado que carrega, na mesma respiração, a memória da borracha e o desejo de futuro.

Nos mercados, feiras e quintais, a economia da floresta resulta em produtos que nasceram de mãos calejadas e de ideias jovens, como a castanha, óleos vegetais, chocolates artesanais, saboarias, hortas e experimentos de turismo comunitário. A bioeconomia aqui é prática

cotidiana de quem vive da floresta sem derrubá-la, e vê nesse modo de vida a base de um novo projeto de desenvolvimento. Entre extrativistas, cooperados, mulheres empreendedoras, professores e pequenos produtores, o Acre mostra que é possível gerar renda sem romper com suas raízes.

Ao caminhar por Rio Branco e seus entornos, o que se ouve é o mesmo mantra em diferentes vozes: "beneficiar aqui para que a riqueza fique aqui".

Essa é a síntese emocional e econômica de um povo que aprendeu a reconhecer o valor daquilo que produz. O que move Rio Branco é a capacidade de transformar a floresta em oportunidade e de traduzir conhecimento tradicional em inovação. A cidade e as comunidades ao redor vivem um dinamismo que mistura história, cultura e empreendedorismo. As cadeias da castanha, do cacau, do açaí, da borracha e dos óleos vegetais são a espinha dorsal dessa economia viva.



"Sapatos de Látex Nativo do Doutor da Borracha", Thiago Willian (RIO BRANCO)



RIO BRANCO

“MUITAS VEZES, QUEM NUNCA É OUVIDO SÃO OS PRÓPRIOS PRODUTORES RURAIS, PORQUE AS NECESSIDADES TAMBÉM SÃO MUITAS E MUITAS VEZES ELES FICAM SEM REPRESENTATIVIDADE, SEM VOZ.”

Márcia Cristina Freire, gerente técnica do SENAR — Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (RIO BRANCO)

Nas Reservas Extrativistas, cooperativas lideradas por mulheres e jovens reativam a lógica do trabalho coletivo. Na Zona periurbana, famílias investem em horticultura, piscicultura e integração com cadeias animais, herança dos programas de produção sustentável da década passada. E, no meio urbano, marcas autorais despontam com saboarias naturais, cosméticos e chocolates finos produzidos com insumos locais.

A universidade também se move: a UFAC (Universidade Federal do Acre) e o IFAC (Instituto Federal do Acre) criam redes de pesquisa e laboratórios aplicados, conectando a ciência à floresta.

E instituições como SEBRAE; Federação das Indústrias do Estado do Acre (FIEAC); Fundação de Amparo à Pesquisa do Acre (FAPAC) e Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) se articulam, ainda que de forma dispersa, para apoiar empreendedores e cooperativas em processos de formalização, qualidade e comercialização.

A bioeconomia acreana é, portanto, um mosaico, feita de redes, não de hierarquias; de histórias entrelaçadas mais do que de setores isolados. E é nesse mosaico que o território se reconhece.

DESAFIOS E TENSÕES

Entre as potências há também as travas. Rio Branco ainda enfrenta desafios estruturais que limitam o florescimento pleno da bioeconomia.

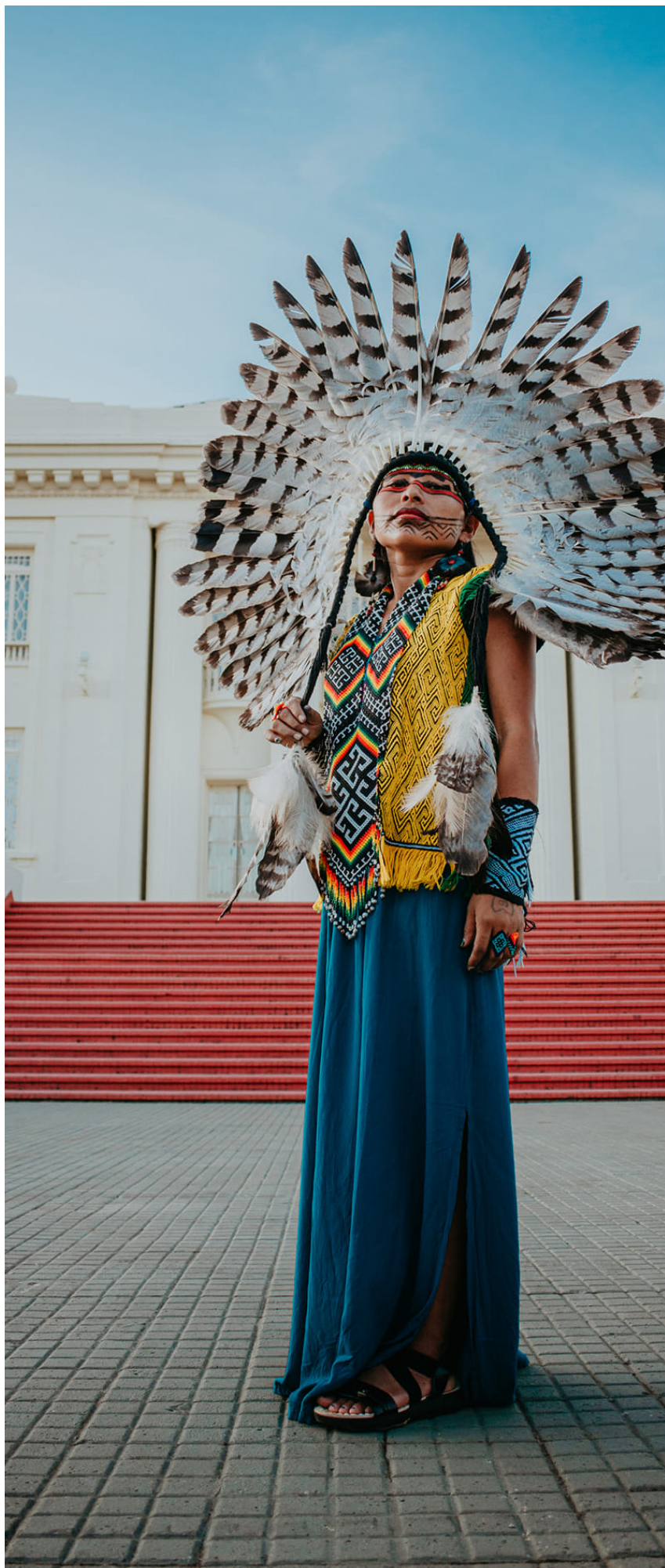
A infraestrutura é um deles: tornam o beneficiamento caro e logisticamente instável. O licenciamento ambiental e sanitário é burocrático e lento, o que impede muitos negócios de se formalizarem ou venderem legalmente. A falta de certificações e laudos técnicos é outro gargalo: sem eles, produtos como óleos e castanhas perdem valor e ficam restritos a mercados locais. Há também desigualdade de acesso: quem tem assistência técnica ou capital institucional consegue avançar; quem depende apenas do esforço comunitário, fica à margem.

A juventude rural, por exemplo, ainda migra para o trabalho urbano ou para o agronegócio, atraída por ganhos mais rápidos. As mulheres, embora liderem cooperativas e movimentos, enfrentam vulnerabilidades e pouca proteção institucional, especialmente nas áreas rurais e nas reservas extrativistas. Em muitos relatos, o Estado aparece ausente ou fragmentado: as políticas existem, mas chegam de forma dispersa, sem continuidade e com baixa comunicação entre secretarias, universidades e comunidades.

O resultado é um território com energia social abundante, mas ainda sem coordenação para transformá-la em escala econômica. A floresta segue viva, mas o sistema que a sustenta precisa se reordenar.

“**NÃO SÃO AS INSTITUIÇÕES QUE TÊM QUE MUDAR, SÃO AS PESSOAS QUE ESTÃO NAS INSTITUIÇÕES QUE PRECISAM MUDAR (...) INSTITUIÇÃO NÃO TEM CORAÇÃO, TEM CNPJ.**”

Pedro Silva, presidente do IEDA — Instituto de Educação e Desenvolvimento da Amazônia (RIO BRANCO)



"Força indígena frente ao Palácio Rio Branco", Fernando Menezes (RIO BRANCO)

SINAIS DE FORÇAS E OPORTUNIDADES

Apesar dos entraves, o Acre revela um movimento de reinvenção que vem de dentro. Os sinais de força aparecem em todos os cantos, nas práticas, nas falas e nos sonhos.

Nas cooperativas de base florestal, cresce a vontade de industrializar localmente, montar pequenas usinas de beneficiamento, desenvolver rótulos, criar marcas próprias. Na universidade, jovens pesquisadores transformam laboratórios em espaços de escuta e experimentação. Nas associações comunitárias, a presença feminina dá novos contornos à gestão, com foco em cuidado, redes de apoio e sustentabilidade.

O Programa de Pagamento por Serviços Ambientais (PSA) desponta como instrumento eficaz de renda-ponte, especialmente quando atrelado à comercialização de produtos da floresta. As feiras urbanas e o consumo consciente também se consolidam como vitrines da produção local, pontos de encontro entre cidade e floresta.

Outro sinal de força vem das narrativas culturais. Arte, culinária e turismo de base comunitária estão cada vez mais conectados à bioeconomia. Cada sabonete artesanal, cada pote de mel, cada pulseira feita com sementes da floresta carrega uma história que é também uma forma de resistência. A cultura é parte da economia e a economia aqui tem alma criativa.

O Acre ensina que a bioeconomia não se faz apenas com recursos naturais, mas com redes humanas. O futuro desse território passa por três verbos: conectar, beneficiar e cuidar.

Conectar criando redes entre instituições, comunidades, academia e mercado. Centros de Bioeconomia podem ser esse ponto de convergência, espaços vivos de certificação, capacitação, laboratório e governança compartilhada. Beneficiar, agregando valor localmente para que a riqueza não escape. E cuidar, garantindo proteção social, segurança e reconhecimento a quem sustenta a floresta em pé.

O caminho está claro, que é fortalecer os negócios locais, investir em infraestrutura e qualificação, acelerar licenças, estimular o consumo regional e abrir canais de exportação. Mas, acima de tudo, é preciso que a bioeconomia das políticas e dos programas fale a mesma língua da bioeconomia vivida pela população, aquela que já é prática, pertencimento e modo de vida, e não apenas conceito teórico.

As comunidades já sabem disso. As mulheres das cooperativas, os jovens pesquisadores, os produtores das reservas extrativistas e os empreendedores urbanos já estão fazendo essa virada, às vezes com apoio institucional, às vezes apenas com intuição e coragem.

Rio Branco se posiciona como um laboratório vivo da Amazônia, onde o passado extrativista encontra a inovação social e tecnológica do presente. O território se transforma e inspira. Em todo o Estado do Acre, a floresta não é apenas paisagem, é projeto de vida, economia em movimento, é futuro próximo.



"Coleta de Açaí", Fernando Menezes (RIO BRANCO)

MAIS QUE INDICADORES

Em Rio Branco, a bioeconomia já tem rosto, endereço e história. Aqui se reúne um dos ecossistemas mais articulados da Amazônia, como universidades, secretarias, cooperativas e startups que, juntas, sustentam a ideia de que é possível viver da floresta sem destruí-la. Hoje, o Acre conta com mais de vinte organizações de fomento e apoio, entre órgãos públicos, entidades empresariais e centros de pesquisa, que atuam direta ou indiretamente no fortalecimento da economia verde.

Mas o que realmente chama atenção é a explosão de novos negócios. Em pouco mais de dois anos, surgiram com estímulo do SEBRAE, 81 startups de bioeconomia, com estímulo do SEBRAE a maioria nascida em Rio Branco. São empreendimentos que transformam saber tradicional em tecnologia, produzindo plásticos biodegradáveis, cosméticos naturais, alimentos funcionais, biopesticidas, biofertilizantes e soluções digitais inspiradas na floresta. Esses negócios representam a nova geração da economia acreana, empreendedores que sonham grande, mas continuam enraizados no território.

Ao lado deles, as cooperativas e associações comunitárias continuam sendo a base viva da economia florestal. São cerca de 60 organizações ativas ligadas à OCB/AC, entre elas a Rede Cooperacre, que reúne cooperativas da agricultura familiar e da sociobiodiversidade em todo o estado.

No campo dos investimentos, possui recursos e o desafio é fazê-los circular. Programas como o REM Acre (REDD+ Early Movers) já investiram de 25 a 30 milhões de dólares em projetos sustentáveis. A FAPAC (Fundação de Amparo à Pesqui-

sa do Acre) tem ampliado o incentivo à ciência por meio de editais de pesquisa, enquanto a SEICT (Secretário de Indústria, Ciência e Tecnologia) atua no fortalecimento do ecossistema de inovação no estado. A INCUBAC, incubadora do IFAC, primeira fora da região metropolitana de Manaus a obter certificação, vem sendo referência na promoção do empreendedorismo inovador.

Muitos negócios, porém, ainda não conseguem acessar esses recursos. Falta assessoria técnica, capacitação e canais diretos entre capital e comunidades. Por isso, criar núcleos de crédito e apoio territorial é um passo essencial para que o dinheiro público e privado alcance quem realmente move a bioeconomia.

Em síntese, Rio Branco vive um momento de efervescência. A base institucional está pronta, o capital existe e os empreendedores estão agindo. O que falta agora é costurar essas forças, transformar iniciativas isoladas em estratégia comum. Quando isso acontecer, o Acre deixará de ser apenas referência simbólica da Amazônia sustentável, e se tornará modelo concreto de desenvolvimento com identidade e propósito.

NEGÓCIOS E CADEIAS PRODUTIVAS

Em Rio Branco, a bioeconomia acontece no dia a dia, nas cooperativas, marcas locais e associações que transformam o que a floresta oferece em renda, identidade e futuro. Nem todos se chamam de “negócios de impacto”, mas os resultados que fortalecem comunidades, ampliam a autonomia de mulheres, jovens e geram valor onde antes havia apenas matéria-prima são evidentes.

A castanha continua sendo o coração da economia da floresta, movimentando famílias e cooperativas. O desafio é agregar valor, transformando farinha, snacks e marcas locais. O mesmo ocorre com os óleos vegetais de andiroba, copaíba, buriti, murumuru, cumaru e açaí. Uma cadeia marcada pelo protagonismo feminino que inspira novas formas de empreender, como mostram as marcas urbanas do Acre, a exemplo da Pajéco. Com certificação ágil e apoio técnico, o Acre pode se tornar referência nacional em bioativos sustentáveis.

O cacau do Baixo Acre e o Cacaú Raiz mostram o potencial de um produto premium que alia sabor, origem e propósito. O açaí cresce no consumo local, e o desafio é garantir escala e qualidade. Já a borracha, ainda que de menor peso econômico, mantém valor simbólico e cultural, podendo inspirar design, moda e artesanato técnico com a marca do território.

No artesanato e no turismo de base comunitária, mulheres e povos indígenas seguem protagonizando a conexão entre cultura, economia e floresta. Mais do que produtos, são identidade. As indicações geográficas, Castanha do Acre, Cacau do Baixo Acre, Óleos da Floresta do Purus, Borracha Chico Mendes, Artesanato da Resex, podem consolidar esse pertencimento e transformar a economia em marca de território.

O caminho está claro que é preciso beneficiar aqui para que a riqueza aqui permaneça. Com certificação, crédito e design, o Acre pode avançar sem perder sua natureza, gerando renda, autonomia e reconhecimento, com raízes firmes na floresta e o olhar voltado para o futuro.





CADEIAS PRODUTIVAS E ESPAÇOS DE PRODUÇÃO DO TERRITÓRIO

- Açaí e derivados
- Agricultura orgânica e agroecologia
- Avicultura (produção integrada de frango)
- Bambu (Bambu nativo do Acre)
- Biojoias
- Borracha natural (látex)
- Cacao nativo e cultivado
- Cadeia do leite
- Café
- Castanha-do-Brasil (coleta, beneficiamento e exportação)
- Chocolates artesanais e agroindústrias familiares
- Cosméticos e saboarias autorais
- Fruticultura
- Grãos (milho e soja)
- Horticultura urbana e escolar
- Hortifruticultura periurbana
- Madeiras manejadas e reflorestamento de espécies nativas (mogno, cumaru, teca)
- Mel e apicultura florestal
- Óleos vegetais (buriti, copaíba, açaí, mururu, andiroba)
- Pagamento por Serviços Ambientais (PSA) como atividade de renda
- Piscicultura (tilápia e tambaqui)
- Produção de artesanato indígena e extrativista
- Produção de mudas e viveiros florestais
- Produção de plantas medicinais e fitoterápicos
- Resinas e sementes amazônicas
- Suinocultura
- Turismo de base comunitária e cultural

DA RESISTÊNCIA À ESTRUTURA: O NOVO CICLO DA BIOECONOMIA

O ecossistema de bioeconomia de Rio Branco está se firmando como um campo fértil que começa a ganhar estrutura e rumo. Depois de décadas em que a floresta foi símbolo de resistência, o Acre vive agora o desafio de transformar esse legado em economia estruturada, capaz de gerar emprego, renda e tecnologia sem perder o enraizamento comunitário.

O território se encontra em fase estruturante. As instituições estão aqui, universidades, secretarias, centros de pesquisa, cooperativas, startups, mas ainda existem como ilhas. Falta o fio que as unem. As entrevistas mostram que há vontade de fazer junto, e essa é a boa notícia. O passo seguinte é a integração. Conectar o saber da universidade com o fazer das comunidades, e o capital com quem realmente alimenta bioeconomia.

Os negócios locais contam essa história de transição. O Acre tem hoje 81 startups de bioeconomia, com base em Rio Branco, atuando em frentes diversas, de alimentos e cosméticos a biotecnologia e nanotecnologia. É uma geração que nasce da pesquisa e do chão da floresta, com jovens empreendedores, professores e produtores transformando bambu, castanha, cacau e açaí em produtos sustentáveis e inovadores.

A maior parte desses negócios ainda está no início do caminho. Os produtores testam ideias, buscam mercado e sobrevivem com apoio de editais e programas de incubação. Alguns já atravessaram essa ponte e começam a se consolidar. Marcas como Pajéco, Made In Acre, Amadeu Sustentável e cooperativas como a COOPERA-CRE são exemplos que mostram que é possível crescer com propósito. Outras iniciativas, como o Dom Porquito, apontam o modelo de integração que pode inspirar as cadeias da floresta, ofertando assistência técnica, parceria comercial e escala.

O Acre não parte do zero. Tem políticas públicas, leis de incentivo, programas de crédito e uma juventude empreendedora que quer inovar. O que precisa agora é de coordenação, de espaços que façam as coisas acontecerem juntas, laboratórios, hubs, centros de bioeconomia regionais que funcionem como pontos de encontro entre ciência, negócios e comunidades.

Se o passado foi o tempo da resistência, este é o tempo da estrutura. O ecossistema de Rio Branco já tem raízes profundas e está pronto para crescer. O próximo ciclo será o da conexão, de fazer com que as ideias se transformem em rede, e a rede em movimento.



"Ponte Metálica vista do Rio Acre", Fernando Menezes (RIO BRANCO)

POLÍTICAS PÚBLICAS

As políticas públicas no Acre entram em um novo ciclo. A bioeconomia deixa de ser promessa e passa a ser pauta institucional, reconhecida em leis, programas e investimentos que se espalham pelo Governo do Estado e pela Prefeitura de Rio Branco.

Nos últimos anos, o Acre construiu uma base sólida com a Lei de Inovação (Lei nº 4.132/2023), que apoia startups e soluções verdes; a Lei de Serviços Ambientais (Lei nº 3.880/2021) que criou os Pagamentos por Serviços Ambientais (PSA); e a Lei de Incentivo à Economia Criativa (2025) que ampliou o alcance da bioeconomia para o campo da cultura e do turismo. O Programa Municipal de Aquisição de Alimentos (PMAAF) mantém fértil a agricultura familiar, conectando campo e cidade.

O Acre também fortalece sua rede de fomento. Programas como o Inova Amazônia (Sebrae Nacional), o PPBio (Suframa/Idesam), o Acre For Startups (SEBRAE.), o Fundo de Financiamento à Inovação e Pesquisa (FINEP) e o Fundo Constitucional de Financiamento do Norte (FNO/BASA) ampliam as oportunidades para negócios

sustentáveis. O desafio, porém, é garantir que esses recursos cheguem a quem faz, produtores, cooperativas e jovens empreendedores.

Projetos como o Laboratório de Bioindústria Urbana, o Programa Jovem da Floresta e a Aceleradora de Negócios Verdes indicam esse novo horizonte de integrar ciência, mercado e comunidades. A Economia Criativa da Floresta, liderada pela Fundação Elias Mansour (FEM), amplia ainda mais esse movimento ao transformar arte, design e saber tradicional em produtos com identidade amazônica.

O Acre se consolida, assim, como um laboratório vivo de desenvolvimento sustentável, onde políticas, inovação e cultura se encontram. O desafio agora é a continuidade de transformar programas pontuais em políticas permanentes e garantir que a floresta continue sendo sinônimo de economia, pertencimento e futuro.





"Bandeira Acreana", Fernando Menezes (RIO BRANCO)

REDE TERRITORIAL ENTREVISTADA

SETOR PÚBLICO E GOVERNANÇA

- CEL. RICARDO BRANDÃO — SECRETÁRIO DE PLANEJAMENTO DO ACRE (SEPLAN).
- ASSURBANIPAL MESQUITA — SECRETÁRIO DE INDÚSTRIA, CIÊNCIA E TECNOLOGIA (SEICT).
- ANTÔNIO AURISÉRGIO — SERVIDOR DA SECRETARIA DOS POVOS INDÍGENAS (SEPI).
- MARCELO MESSIAS — SECRETÁRIO DE TURISMO E EMPREENDEDORISMO DO ACRE (SETE).
- PATRÍCIA PARENTE — DIRETORA DE EMPREENDEDORISMO DA SECRETARIA DE TURISMO E EMPREENDEDORISMO DO ESTADO DO ACRE (SETE).
- EDNALDO NOGUEIRA — GERENTE DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL.
- PAULO XAVIER — ANALISTA DA ZONA FRANCA DE MANAUS (SUFRAMA).
- VALDEMIRO ROCHA — PRESIDENTE DA OCB ACRE (ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS).
- PATRÍCIA DOSSA — PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL, INDUSTRIAL, DE SERVIÇOS E AGRÍCOLA DO ACRE (ACISA).
- PEDRO SILVA — PRESIDENTE DO IEDA (INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA AMAZÔNIA).
- INÁCIO MOREIRA — PROFESSOR DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DO ACRE E CONSULTOR.
- KAIO ALMEIDA — REPRESENTANTE DO AQUIRI VALLEY (ECOSSISTEMA DE INOVAÇÃO E STARTUPS DO ACRE).
- GINA VALENTE — DIRETORA NO CONSELHO DA MULHER EMPREENDEDORA E DA CULTURA.
- ANDERSON FERNANDES — CHEFE DO DEPARTAMENTO DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO DA JUNTA COMERCIAL DO ACRE (JUCEAC).

INSTITUIÇÕES DE FOMENTO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

- MOISÉS DINIZ — PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ACRE (FAPAC).
- ADNA MAIA — PESQUISADORA DA REDE BIONORTE.
- SABINA CERRUTO — PROFESSORA E ENGENHEIRA FLORESTAL (UFAC).
- CLEISA BRASIL — PESQUISADORA DA EMBRAPA ACRE.
- EUFRAN AMARAL — PESQUISADOR DA EMBRAPA ACRE.
- FÁBIO ARAÚJO — DIRETOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO DO IFAC.
- MARIA APARECIDA — COORDENADORA DO PEIEX NO ACRE (PROGRAMA DE QUALIFICAÇÃO PARA EXPORTAÇÃO DA APEX).
- HÉRIKA MONTILHA — COORDENADORA DA CÂMARA TÉCNICA DE INOVAÇÃO DO FÓRUM EMPRESARIAL DE INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO ACRE.
- MIRLA MIRANDA — COORDENADORA TÉCNICA DE BIOECONOMIA DO FÓRUM EMPRESARIAL DE INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO ACRE.

EMPRESAS, MERCADO E SISTEMA PRODUTIVO

- JOSÉ ADRIANO — PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO ACRE (FIEAC).
- JOÃO PAULO — VICE-PRESIDENTE DA FIEAC.
- MOZANI MARIANO — ASSESSOR DE RELAÇÕES INSTITUCIONAIS DA FIEAC.
- FRANCINEI SANTOS — ANALISTA DO SEBRAE ACRE.

SOCIEDADE CIVIL, MOVIMENTOS E COMUNIDADES

- ELENIRA MENDES — ADVOGADA E FILHA DE CHICO MENDES.
- ÂNGELA MENDES — PRESIDENTA DO COMITÊ CHICO MENDES E FILHA DE CHICO MENDES.
- FABIANE CRUZ — PROFESSORA E MORADORA DA RESERVA EXTRATIVISTA CHICO MENDES (ASSIS BRASIL).
- IRANILCE LANES — ARTESÃ NA RESEX CHICO MENDES.
- SÂMILA MARÇAL — REDE DE MULHERES DA FLORESTA.
- SAMSARA NUKINI — REDE DE COMUNICADORES INDÍGENAS DO ACRE.
- LUCAS MANCHINERU — PRESIDENTE DA MAPPHA E LIDERANÇA DO POVO MANCHINERI.
- WENDEL ARAÚJO — PRESIDENTE DA AMOPREAB (ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E PRODUTORES DA RESERVA CHICO MENDES DE BRASILÉIA).
- MARINA PINHEIRO — EMPREENDEDORA E GESTORA DA MARCA PAJÉCO.
- MÁRCIA CRISTINA FREIRE — GERENTE TÉCNICA DO SENAR (SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM RURAL).
- TÍSSIA VELOSO — COORDENADORA DO FÓRUM EMPRESARIAL DE INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO.

ORGANIZAÇÕES E REDES INTERNACIONAIS / PARCERIAS

- MARTA AZEVEDO — COORDENADORA GERAL DO REM ACRE - FASE II.
- EARLY MOVERS — COOPERAÇÃO INTERNACIONAL DE CONSERVAÇÃO E CLIMA.



“Tefé vista de cima”, Miguel Monteiro (TEFÉ)



TEFÉ

ONDE A FLORESTA VIRA FUTURO

No coração do Médio Solimões (centro do estado do Amazonas), Tefé é cidade polo e referência regional. Cercada por vastas áreas protegidas, conecta a floresta às dinâmicas urbanas e impulsiona o desenvolvimento da região.

Tefé é uma cidade que respira o tempo do rio. Entre suas margens, o passado e o futuro se tocam. Canoas carregadas de farinha, peixes e frutas cruzam com jovens conectados às redes digitais, mulheres que dominam o beneficiamento de pescado e outros produtos da floresta e lideranças que aprendem a gerir e dialogar com o mercado.

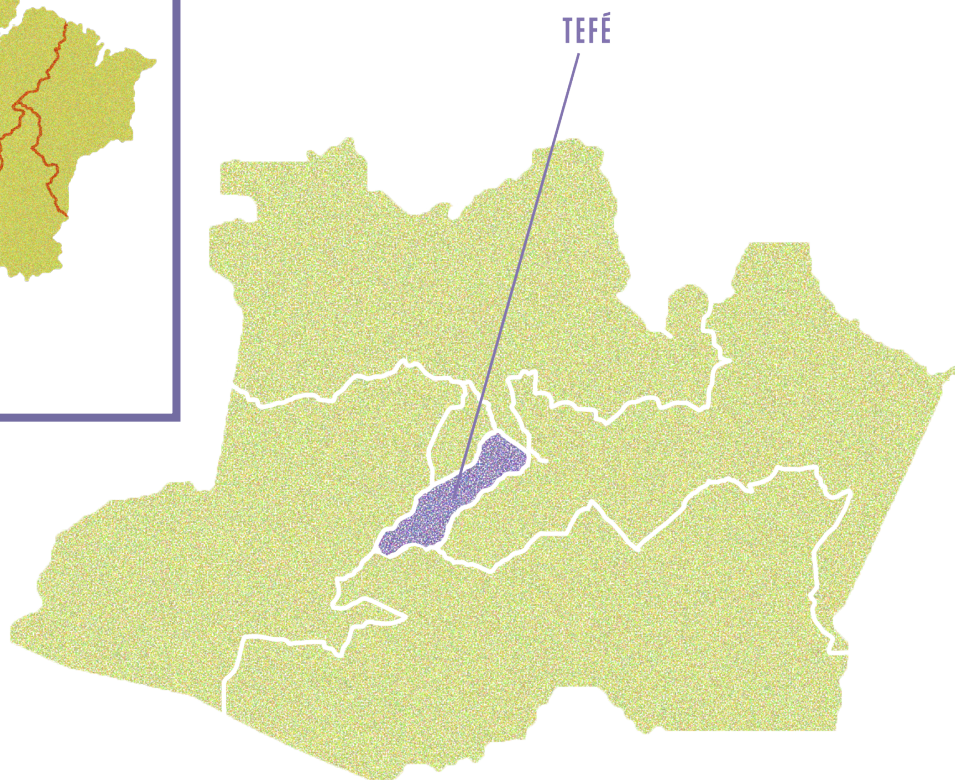
Tefé está cercada por um dos maiores conjuntos de áreas protegidas da Amazônia. A RDS Mami-rauá, a RDS Amanã, a Floresta Nacional de Tefé e a Resex Catuá-Ipixuna formam um cinturão de conservação que garante o equilíbrio da floresta e a proteção das populações que vivem de forma tradicional nesse território. Essas unidades não são barreiras, mas pontes entre natureza e comunidade, espaços onde se aprende, se trabalha e se vive em harmonia com o ambiente

O território está inserido na várzea amazônica, um ecossistema raro e essencial, onde o ciclo das águas define o tempo, o alimento e o trabalho. A várzea é vida em movimento, quando o rio sobe, ele renova; quando desce, ele devolve à terra o que alimenta. É nesse curso que Tefé encontra sua grandeza, que nasce da convivência entre gente, floresta e rio.

É nesse equilíbrio entre o intuitivo e o cuidado que a bioeconomia ganha corpo, sendo prática cotidiana, não por conceito ou estratégia. Está na técnica de quem maneja o pirarucu com paciência ancestral, de quem torra a farinha nos dias de trabalho coletivo, de quem colhe o açaí da árvore, de quem transforma saber tradicional em sustento e dignidade. Múltipla e interdependente, a vida de quem desfruta do território carrega uma história,



"Manejadores retirando pirarucu do lago", Miguel Monteiro (TEFÉ)



uma identidade e um modo de existir. O que move Tefé é o propósito. O trabalho aqui é mais do que sobrevivência. É vínculo, é orgulho, é continuidade. As comunidades ribeirinhas e urbanas se conectam por redes invisíveis de solidariedade, comercialização e trocas, que não aparecem em planilhas, mas sustentam todo o sistema.

Há uma força que nasce do coletivo. Mulheres que se organizam em clubes de mães e associações para produzir artesanato, remédios a partir plantas medicinais, óleos e alimentos com valor agregado. Jovens que criam novos jeitos de gerir, vender, comunicar e ensinar. Associações como *FEMAPAM*, *APAFE*, *APRU* e *AMURMAM**, que resistem e reinventam as formas de produzir e negociar, mesmo diante das distâncias e da falta de infraestrutura.

A resistência do território também vem das instituições que o fazem expandir. O Instituto Mamirauá, o SEBRAE, a Universidade do Estado

do Amazonas (UEA), a Fundação Amazônia Sustentável (FAS), o Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Amazonas (IDAM), as Prefeituras municipais e a Prelazia de Tefé são algumas das organizações pilares que sustentam a bioeconomia e tornam possível o diálogo entre o saber tradicional e o conhecimento técnico. Essas instituições estão presentes no dia a dia das comunidades, oferecendo formação, assistência técnica, pesquisa aplicada, captação de recursos, e apoio à organização social.

São elas que ajudam a transformar experiências locais em políticas públicas, tecnologias sociais e novos modelos de gestão, garantindo que o desenvolvimento aconteça com respeito à floresta e às pessoas. Sem essa rede institucional, a bioeconomia de Tefé não teria base para crescer e nem pontes para unir o que nasce na beira do rio com o que se sonha nas universidades e centros de inovação. É sobre recontar a própria história.

* *FEMAPAM* - Federação dos Manejadores e Manejadoras de Pirarucu de Mamirauá

APAFE - Associação dos Moradores e Produtores Agroextrativistas da Flona de Tefé e Entorno

APRU - Associação de Produtores de Farinha de Mandioca da Região de Uarini

AMURMAM - Associação dos Moradores e Usuários da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá

DESAFIOS E TENSÕES

A força do território convive com suas dores. Os desafios de Tefé estão tanto nas mudanças do clima quanto na logística precária, nas distâncias simbólicas e políticas entre quem decide e quem vive, e nas transformações tecnológicas que alteram a forma de viver e se relacionar com a floresta. O conceito da bioeconomia avança, mas nem sempre chega às margens de onde ela nasce. As comunidades enfrentam o peso da burocracia. As linhas de crédito são inacessíveis, os editais usam linguagens distantes e muitos projetos começam sem nunca terminar. Falta energia, transporte, armazenamento, o que dificulta o desenvolvimento do território.

Ainda assim, as pessoas seguem com o que têm e com o que sabem. Nas zonas críticas do território, o trabalho é um ato de resistência. O pescador que precisa atravessar dias de rio para vender o peixe, enfrentando as incertezas da cheia e o medo da pirataria que ronda as águas; a mulher que cuida da casa, da produção e da associação; o jovem que precisa aprender a manejar a tecnologia com o mesmo cuidado que o pai manjava a canoa. Em Tefé, trabalhar é também proteger o sustento, o território e a própria vida, em um cotidiano onde a coragem e a esperança ainda são os principais instrumentos de navegação.

Essas são as engrenagens invisíveis da bioeconomia que não aparecem nos relatórios, mas

“**A GENTE FOCA TANTO EM SE URBANIZAR, EM ESTAR ATUALIZADO, QUE A GENTE ACABA ESQUECENDO DOS VALORES TRADICIONAIS, DA CULTURA TRADICIONAL.**”

Pedrina MC, rapper, mobilizadora sócio-cultural e liderança no Movimento de Juventude Indígena (TEFÉ)



"Produção de farinha Uarini", Miguel Monteiro (TEFÉ)

que mantêm o território vivo.

SINAIS DE FORÇA E OPORTUNIDADES

Por trás de cada dificuldade, há também um aprendizado. O campo mostrou que Tefé está cheio de sementes de futuro. São iniciativas que crescem mesmo com pouco adubo e projetos que brotam da vontade de permanecer. A juventude é uma dessas forças emergentes. Jovens que traduzem o conhe-

cimento dos mais velhos para o mundo digital e que querem inovar sem romper com suas raízes. As mulheres são outra. Elas organizam, distribuem, planejam e decidem, mesmo quando não estão oficialmente nas atas das reuniões.

As associações e cooperativas, com todas as suas limitações, são o que impede o colapso. São espaços de confiança onde o valor é medido em dignidade, não apenas em dinheiro. Há também o fortalecimento institucional, que aos poucos, mas em movimentos progressivos, ganham e dão mais estrutura à bioeconomia. Mamirauá, SEBRAE, FAS, IDAM e outras organizações estão buscando ser pontes, adaptando projetos e programas para melhor adequação e reverberação no local.

Desenvolvendo pesquisas, e tecnologias que melhoram a qualidade de vida das pessoas e da produção local, o desafio agora é consolidar essas conexões, unir a técnica com a tradição, o crédito com a confiança e o mercado com o cuidado. Se houver investimento em formação territorial, infraestrutura e redes de governança participativa, o território de Tefé pode se tornar referência amazônica em bioeconomia comunitária. Um modelo em que o desenvolvimento é medido pela força dos vínculos e pela permanência dos modos de vida.

O futuro de Tefé já começou e está nos jovens que querem ficar, nas mulheres que criam novas economias e nas feiras comunitárias que continuam mês a mês ganhando espaço no espaço urbano. Está nas parcerias entre comunidades e instituições e na vontade crescente de construir algo duradouro.

A bioeconomia que o território constrói é simples e profunda, que gere renda, qualidade de vida, mas também orgulho, que fortaleça as comunidades, preserve a floresta, que traz tecnologia sem apagar o saber ancestral. O caminho é feito de pontes entre floresta e cidade, entre universidade e roça, entre política pública e cultura.

Tefé pode se tornar o exemplo de uma Amazônia que prospera sem perder sua natureza, um lugar onde o porvir carrega a memória consigo e floresce. Às margens do lago Tefé e do Médio Solimões, o futuro já começou e ele tem cheiro de farinha torrada, som de remo na água e o brilho nos risos de quem constroem todos os dias uma nova forma de viver da floresta.

POR DENTRO DA REDE DE BIOECONOMIA

Com cerca de 73 mil habitantes (Censo 2022), Tefé é onde a floresta, o conhecimento e as pessoas se encontram para formar uma rede viva de produção e aprendizado. Nessa paisagem de rios e várzeas, a economia se sustenta na base das comunidades, no comércio local e no trabalho coletivo de associações e cooperativas.

Abrigando cerca de 30 instituições públicas e organizações de fomento que impulsionam a bioeconomia e o desenvolvimento local. Entre elas estão o Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSMM), o Instituto Federal do Amazonas (IFAM), o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), a Universidade do Estado do Amazonas (UEA), o Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Flores-



tal Sustentável do Amazonas (IDAM), o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), a Fundação Amazônia Sustentável (FAS), a Secretaria de Desenvolvimento, Ciência, Tecnologia e Inovação (SEDEC-TI) e a Prefeitura de Tefé. Juntas, elas garantem o apoio técnico, a formação profissional e o incentivo à pesquisa que mantêm o território em expansão.

Além das instituições, a base da bioeconomia local está nas mais de 25 associações, cooperativas e negócios comunitários ativos, ligados às cadeias da mandioca, do pescado, da castanha, do artesanato e dos cosméticos naturais. Destaques como a Federação de Manejadores e Manejadoras de Pirarucu de Mamirauá (FEMAPAM), a Associação de Produtores Rurais de Uarini (APRU), a Associação de Produtores Agroextrativistas da Flona de Tefé (APAFE), a Associação Mãe da RDS Mamirauá (AMURMAM) e a Central das Associações de Moradores e Usuários da RDS Amanã (CAMURA) representam o equilíbrio entre economia e conservação.

Nos últimos anos tem atraído investimentos crescente. Linhas de crédito como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), o Programa Prioritário de Bioeconomia (PPBio) da Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA), e os recursos da Agência de Fomento do Estado do Amazonas (AFEAM) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) têm apoiado pequenos produtores e pesquisadores. Embora ainda modestos, esses recursos apontam para um novo ciclo que une ciência, floresta e inclusão econômica.

O TERRITÓRIO QUE PRODUZ, CRIA E INSPIRA

A economia se sustenta no que aprendeu ao longo das gerações, transformando o que a natureza oferece em trabalho, cultura e sentido de pertencimento. A rede de empreendimentos, que antes era subsistência, hoje se renova.

Há diversas associações, cooperativas e agroindústrias comunitárias que mantêm vivas as principais cadeias produtivas da região, o manejo do pirarucu, a produção de farinha de mandioca, o artesanato de fibras e sementes, o extrativismo de castanha e óleos vegetais e turismo de base comunitária. Essas atividades geram trabalho, renda e pertencimento, fortalecendo a economia de base comunitária.

Entre os exemplos de destaque estão a Federação de Manejadores e Manejadoras de Pirarucu de Mamirauá (FEMAPAM), detentora da Indicação Geográfica (IG) do pirarucu manejado, e a Associação de Produtores Rurais de Uarini (APRU), responsável pela IG da farinha de Uarini, APAFE que detém a marca coletiva Flona Tefé e a produção de farinha, uma base de sustento que alia técnica, tradição e orgulho amazônico.

Outras organizações, como a Associação de Produtores Agroextrativistas da Floresta Nacional de Tefé (APAFE), a Associação Mãe da Reserva Mamirauá (AMURMAM), a Associação Mãe da Reserva Amanã (CAMURA) e a Cooperativa Agrícola Indígena Nova Esperança-COOINE, integram comunidades e fortalecem redes de produção entre a várzea e a terra firme. A Salgadeira Cabocla é um símbolo dessa

transformação, marca criada pela AMURMAM e passada para gestão da COOPMAPREM (Cooperativa de Pesca Manejada e de Produtores da Reserva Mamirauá), que processa o pirarucu e gera maior valorização através do beneficiamento do pescado. Marcas locais como a Apoena Produtos da Amazônia, o Têçume da Amazônia e a DiSâmý Sorvetes e Açaí demonstram o potencial criativo de Tefé e sua capacidade de agregar valor à produção tradicional. O município também desponta em novas frentes, como o circuito de frutas e polpas amazônicas, o artesanato de fibras naturais, os óleos essenciais e o turismo de base comunitária, que unem valor econômico e identidade.

Com o apoio de programas como o PRONAF, o Programa Prioritário de Bioeconomia (PPBio) da SUFRAMA e a Agência de Fomento do Estado do Amazonas (AFEAM), o território começa a desenhar um novo ciclo de oportunidades. Iniciativas como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), a Política de Garantia de Preços Mínimos da Sociobiodiversidade (PGPMBio), da Conab, e o Seguro Defeso também fortalecem as cadeias produtivas locais, garantindo renda e estabilidade às famílias.

O desafio agora é fortalecer o crédito, ampliar a escuta e valorizar o que já nasce da várzea, garantindo qualidade de vida, renda e continuidade às cadeias produtivas. É preciso consolidar um selo de origem, incentivar o protagonismo jovem e fortalecer associações, cooperativas e marcas que sustentam a bioeconomia, respeitando o tempo da floresta e as raízes de quem vive dela.





CADEIAS PRODUTIVAS E ESPAÇOS DE PRODUÇÃO DO TERRITÓRIO

- Agricultura familiar em várzea
- Agricultura orgânica
- Agricultura orgânica e agroecologia
- Apicultura (mel nativo, própolis, pólen)
- Artesanato com barro
- Artesanato com fibras naturais (cauaçu e arumã)
- Artesanato em madeira (móveis, arte esculpida, objetos de decoração)
- Artesanato em madeira de molongó
- Beneficiamento de frutas amazônicas (cupuaçu, açaí, buriti, camu-camu, arará)
- Beneficiamento de óleos essenciais
- Biojóias com uso de sementes, penas e madeiras
- Castanha-do-Brasil
- Criação de aves, porcos e gado
- Educação ambiental e gestão comunitária (formação local)
- Farinha Uarini
- Manejo florestal comunitário
- Navegação e transporte fluvial comunitário
- Óleos vegetais (andiroba, copaíba)
- Pirarucu (manejo e beneficiamento)
- Plantas medicinais (mudas, chás, garrafas, cascas e folhas)
- Pescado artesanal (tambaqui, jaraqui, matrinchã, pirapitinga, bagres)
- Produção audiovisual
- Produção cultural e folclórica
- Produção de cana-de-açúcar
- Produção de farinha e derivados da mandioca (farinha de tapioca, goma para tapiquinho, pé de moleque, tucupi, rosca de goma, beju)
- Produção de hortaliças
- Produção e comercialização em feiras locais
- Produção em áreas de várzea
- Turismo de base comunitária
- Turismo de pesca esportiva

A BIOECONOMIA EM ETAPA ESTRUTURANTE

O ecossistema de Tefé opera em uma fase estruturante, com bases sociais e institucionais em consolidação e um movimento coordenado para transformar ativos culturais, ambientais e produtivos em valor econômico de baixo impacto.

O território ainda busca integração entre suas forças. As instituições estão presentes, as associações estão ativas e as pessoas sabem produzir. O desafio agora é continuar costurando tudo isso, unindo educação, fomento e mercado sob um mesmo propósito. A existência de instrumentos públicos específicos para a bioeconomia e a construção participativa indicam que o território saiu do “ponto zero” e avança para organizar prioridades, governança e rotas de implementação, conectando saberes tradicionais, ciência aplicada e mercado local e regional.

No nível das organizações, o desenho do levantamento territorial mostra peças-chave já mapeadas por função, capital humano, cultura empreendedora, mercado, financiamento e políticas, o que confirma a entrada em uma etapa de coordenação entre atores, mais do que de descoberta. Essa malha inclui centros de conhecimento, programas de manejo, redes produtivas e mecanismos de

fomento, indicações geográficas, marcas coletivas, permitindo alinhar formação, assistência técnica e escoamento com políticas de compra pública e certificações.

Quanto aos negócios, observa-se um corpo predominante de iniciativas comunitárias e associações com certificações e marcas territoriais, que tem buscado operar com processos estabelecidos e padrões de qualidade, situando-se em estágio intermediário. Em paralelo, há empreendimentos urbanos e agroindústrias regionais em consolidação de operações e canais, e um embrião de startups e soluções inovadoras em fase inicial, articuladas por núcleos de inovação e programas de aceleração e incubação.

Contudo, é de se observar que os negócios locais, em sua maioria, estão entre o estágio inicial e intermediário. Existe uma dificuldade no acesso ao crédito, falta infraestrutura e apoio contínuo, mas sobra vontade e conhecimento. Há uma geração nova de lideranças aprendendo a gerir, inovar e conectar tradição com futuro.

Tefé tem o que é essencial, rede, experiência e identidade e recursos naturais. Agora precisa de continuidade, cooperação e investimento adaptado à sua realidade, para o seu desenvolvimento pleno

“BOM, O 'NÓ DO MAMÃO', O DIAGNÓSTICO PRINCIPAL, ACREDITO QUE É ACESSO ÀS POLÍTICAS PÚBLICAS. É MUITO DIFÍCIL ACESSAR AOS CRÉDITOS, AOS DOCUMENTOS, À LEGALIDADE, À ORGANIZAÇÃO DOS MORADORES.”

Carlos Carvalho, presidente da AMURMAM — Associação dos Moradores e Usuários da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (TEFÉ)



“Agricultores transportando suas produções no Lago de Tefé”, Miguel Monteiro (TEFÉ),

POLÍTICAS PÚBLICAS

A região vive um momento de articulação entre ciência, floresta e poder público. A bioeconomia, antes vivida no dia a dia das comunidades, ganha também forma institucional, transformando-se em políticas, leis e programas que reconhecem o que o território já fazia. Além de se consolidar como eixo estratégico do desenvolvimento local, com programas e instrumentos que formam uma base sólida para impulsionar o ecossistema da sociobiodiversidade.

O território é beneficiado por ações em várias esferas. No âmbito federal, programas como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) fortalecem o crédito e o mercado para produtos locais. Iniciativas como o Programa de Pesquisa em Biodiversidade (PPBio) da Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA) e o Fundo Amazônia fomentam inovação e manejo sustentável, garantindo estabilidade às cadeias produtivas.

Em nível estadual, o Plano Estadual de Bioeconomia do Amazonas (PEB-AM) e a Estratégia Estadual de Bioeconomia começam a criar um marco legal de governança, enquanto a Subvenção

Econômica ao Pirarucu Manejado, coordenada pela Secretaria de Produção Rural (SEPROR) e pela Agência de Desenvolvimento Sustentável do Amazonas (ADS), fortalece a pesca sustentável e a renda das comunidades.

Entre as políticas locais, destacam-se as feiras de comercialização da agricultura familiar e do pirarucu manejado, que fortalecem o consumo regional e conectam produtores e consumidores em torno da bioeconomia. O recém-lançado Banco do Povo, vinculado ao PROPEQ, tem ampliado o acesso ao crédito e à formação para pequenos empreendedores, especialmente mulheres. Ao lado dele, o PNAE municipal e o PNAE Indígena fortalecem as cadeias locais e valorizam a produção de base comunitária, e a reestruturação do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) municipal, que pode tornar-se elo entre produção rural, segurança alimentar e compras públicas.

Eventos como o Inova Tefé, organizado pelo Instituto Mamirauá, voltado ao fortalecimento ao Empreendedorismo e a Inovação no Interior do Amazonas, a Semana Municipal do Pescador ações como as feiras da agricultura familiar, do tambaqui e do pirarucu manejado, se consolidam como espaços de incentivo à produção local e à valorização das cadeias sustentáveis. Já as frentes potenciais envolvem o fortalecimento da bioindústria local, a criação de viveiros comunitários de mudas nativas e o incentivo ao turismo de base comunitária.

Apesar dos avanços, ainda há desafios até firmar a integração entre políticas, ampliar o acesso ao crédito e garantir continuidade no financiamento. Consolidar esse ecossistema passa também por garantir acesso a direitos básicos como energia elétrica, água potável, educação de qualidade, aproximar pesquisa e extensão, criar polos de inovação e infraestruturas de beneficiamento que valorizem o que o território já produz.

Tefé mostra que as políticas públicas só ganham sentido quando dialogam com o com o ritmo da floresta e com as pessoas que moram e cuidam dela. É nas comunidades, nas feiras e nas associações que a bioeconomia se torna real, transformando renda em pertencimento e dever.



REDE TERRITORIAL ENTREVISTADA

GESTÃO PÚBLICA, POLÍTICAS E GOVERNANÇA TERRITORIAL

- NALDO DE SOUZA OLIVEIRA — SECRETÁRIO MUNICIPAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO (SEDECTI)
- SONORAIVA LOPES — ASSESSORA PARLAMENTAR NA CÂMARA MUNICIPAL DE TEFÉ
- ALEXANDRE NASCIMENTO — ANALISTA TÉCNICO DO SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE) DO AMAZONAS - ESCRITÓRIO REGIONAL DE TEFÉ (ERTE)
- MANOEL ERINELSON MEDIM OLIVEIRA — GERENTE DO ESCRITÓRIO REGIONAL DE TEFÉ (ERTE) DO SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE) DO AMAZONAS
- JARBAS CALDAS — SECRETÁRIO DE PRODUÇÃO E ABASTECIMENTO DE UARINI
- FÁBIO PAZ — TÉCNICO FLORESTAL E EXTENSIONISTA NO INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO AGROPECUÁRIO E FLORESTAL SUSTENTÁVEL DO ESTADO DO AMAZONAS EM TEFÉ (IDAM)
- JARLESON LOPES — GERENTE DO INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO AGROPECUÁRIO E FLORESTAL SUSTENTÁVEL DO ESTADO DO AMAZONAS EM UARINI (IDAM)
- EUCLIDES LUIS QUEIROZ DE VASCONCELOS SANTOS — ENGENHEIRO DE PESCA DA PREFEITURA DE FONTE BOA
- ANDERSON LUIZ FARIAS — COORDENADOR DE PESQUISA E EXTENSÃO DO INSTITUTO FEDERAL DO AMAZONAS (IFAM) - CAMPUS TEFÉ
- FELIPE PADILHA — PROFESSOR DO INSTITUTO FEDERAL DO AMAZONAS CAMPUS TEFÉ
- ERCILIA DA SILVA VIEIRA — COORDENADORA DO DISTRITO SANITÁRIO ESPECIAL INDÍGENA MÉDIO RIO SOLIMÕES
- ISAIDE CAMPELO — PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE TEFÉ - ACET E DO CONSELHO DA MULHER EMPREENDEDORA E CULTURA

INSTITUIÇÕES DE PESQUISA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO TÉCNICA

- HYGOR BRASIL — PROFESSOR DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS (UEA)
- HENRIQUE CUNHA LOPES — ANALISTA DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO DO PROGRAMA DE TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA DO INSTITUTO MAMIRAUÁ
- RAYSSA BERNARDI GUINATO — PESQUISADORA ASSOCIADA DO GRUPO DE PESQUISA TERRITORIALIDADES

E GOVERNANÇA SOCIOAMBIENTAL NA AMAZÔNIA INSTITUTO MAMIRAUÁ

- TABATHA BENITZ — COORDENADORA DO NÚCLEO DE INOVAÇÃO E TECNOLOGIAS SUSTENTÁVEIS E DA INCUBADORA E ACELERADORA DO INSTITUTO MAMIRAUÁ
- JÉSSICA JAINE SILVA DE LIMA — ANALISTA DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO DO PROGRAMA DE GESTÃO COMUNITÁRIA DO INSTITUTO MAMIRAUÁ
- LORENA LANKA PONTES DA SILVA — ANALISTA DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO DO PROGRAMA DE MANEJO DE AGROECOSSISTEMAS DO INSTITUTO MAMIRAUÁ
- RANEGA RAFAELA RODRIGUES MARQUES — BOLSISTA ESPECIALISTA DE CONHECIMENTO TRADICIONAL NO INSTITUTO MAMIRAUÁ SECRETÁRIA DA ASSOCIAÇÃO ALGODÃO ROXO - PARTEIRAS TRADICIONAIS DO AMAZONAS
- SANDRO AUGUSTO REGATIERI — COORDENADOR DO CENTRO VOCACIONAL TECNOLÓGICO DO INSTITUTO MAMIRAUÁ
- HILKIENE ALVES — ASSISTENTE ADMINISTRATIVO DA PRELAZIA DE TEFÉ
- VIVIANE BARRETO LOPES — ALUNA DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO FLORESTAL DO CENTRO DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DO AMAZONAS
- JANDERSON RIBEIRO DE LIMA — TÉCNICO AGRÍCOLA E PRODUTOR RURAL DA COMUNIDADE SANTA MARIA
- OCIMAR ANDRADE — PRESIDENTE DO SINDICATO DOS PESCADORES E PESCADORES ARTESANAIS DO MUNICÍPIO DE TEFÉ
- RICARDO PINHEIRO BONET — TÉCNICO DO DEPARTAMENTO DE MUDANÇAS CLIMÁTICAS E GESTÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO (DEMUC) DA SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE (SEMA)
- JHENISON AZEVEDO — TÉCNICO AGRÔNOMO DO SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM RURAL

NEGÓCIOS, COOPERATIVAS E EMPREENHIMENTOS DA BIOECONOMIA

- ONÉSIMO MAURILLO GOMES — CEO DA APOENA PRODUTOS DA AMAZÔNIA
- PEDRO CANIZO — VICE- PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO DOS MANEJADORES E MANEJADORAS DE PIRARUCU DE MAMIRAUÁ (FEMAPAM)
- CLEISSIANE SOUZA — PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO DOS MANEJADORES E MANEJADORAS DE PIRARUCU DE MAMIRAUÁ (FEMAPAM)
- ALBINO BATALHA — PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE PRODUTORES DE FARINHA DE MANDIOCA DA REGIÃO DE UARINI (APRU)



- FRANCISCO FALCÃO — MORADOR E PRODUTOR AGROEXTRATIVISTA DA FLORESTA NACIONAL DE TEFÉ
- ZUZA CAVALCANTE — PRESIDENTE DA COOPERATIVA AGRÍCOLA INDÍGENA NOVA ESPERANÇA (COOINE)
- EDSON CARLOS GONÇALVES DE SOUZA — COORDENADOR DA FUNDAÇÃO AMAZÔNIA SUSTENTÁVEL EM FONTE BOA
- ROSANGELA FERNANDES — COORDENADORA DO GRUPO TEÇUME DA AMAZÔNIA
- VALDÉ CORDEIRO — PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES INDÍGENAS DA ALDEIA MIRATU DE BAIXO (APIAM)
- VIVALDO LEOCÁDIO MACEDO — PRESIDENTE DO SINDICATO DOS PESCADORES E PESCADORAS ARTESANAIS NO MUNICÍPIO DE ALVARÊS

SOCIEDADE CIVIL ORGANIZADA, CULTURA E MOBILIZAÇÃO SOCIAL

- BERNADETE DE ARAÚJO — COORDENADORA DO GRUPO DE AGRICULTORES ORGÂNICOS DA COMUNIDADE DA MISSÃO
- EDNA ROSA — AGROEXTRATIVISTA E MOBILIZADORA DO MULHERES PROTAGONISTAS DA FLONA
- ANTÔNIA NAIDA PEREIRA DO NASCIMENTO — COORDENADORA DO PROJETO CHA DE EMPODERAMENTO
- JHON ERICK — FOTÓGRAFO E MEMBRO DA ASSOCIAÇÃO CINEMATOGRÁFICA FOGO CONSUMIDOR
- NEURISMAR DE OLIVEIRA — COORDENADORA DO CENTRO DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL DE TEFÉ (CRAM), FILIADA À UNIÃO BRASILEIRA DE MULHERES DE TEFÉ E PRESIDENTE DO CONSELHO MUNICIPAL DE SAÚDE
- SILMARA MARTINS — GERENTE DO SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM COMERCIAL DE TEFÉ (SENAC)
- SOELINDA RIBEIRO (LINDINHA) — PRODUTORA DE FARINHA E FEIRANTE
- MARIA ZINETE RODRIGUES FERREIRA — VENDEDORA DE DOCES ARTESANAIS
- HUEFESON FALCÃO DOS SANTOS — EXTRATIVISTA, GEÓGRAFO E MESTRE EM EDUCAÇÃO
- CARLOS CARVALHO — PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES E USUÁRIOS DA RESERVA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL MAMIRAUÁ (AMURMAM)
- VINICIUS PICAÑO LOPES — COORDENADOR ESTADUAL DO PROJETO RURAL SUSTENTÁVEL AMAZÔNIA DO INSTITUTO BRASILEIRO DE DESENVOLVIMENTO E SUSTENTABILIDADE
- PEDRINA MC — RAPPER, MOBILIZADORA SÓCIO-CULTURAL E LIDERANÇA NO MOVIMENTO DE JUVENTUDE INDÍGENA DE TEFÉ



O CAMINHO PERCORRIDO



Ao longo dos últimos meses, atravessamos rios, estradas e conversas. Encontramos pessoas que vivem da floresta, da terra e do trabalho que o território ensina. Escutamos histórias de quem faz a Amazônia existir todos os dias, nas comunidades, nas cooperativas, nos mercados, nos quintais e nos sonhos.

Esta revista nasceu da dinâmica de olhar a Amazônia por dentro, com o ouvido atento e o coração aberto para o que emerge quando o conhecimento encontra com a vida real. Cada território visitado revelou uma paisagem distinta, e, ao mesmo tempo, um mesmo pulso de permanecer.

Em **JI-PARANÁ (RO)**, as vozes da floresta disputam espaço com o barulho das motos e dos caminhões. Mesmo assim, a resistência se faz presente em pequenos produtores, cooperativas e jovens que tentam reconstruir vínculos com o território verde que permanece respirando.

Em **RIO BRANCO (AC)**, o desafio é outro: equilibrar fronteiras entre o campo e a cidade, entre o desenvolvimento e a conservação. O Acre se reinventa em meio a contradições, buscando dar forma a uma bioeconomia que não seja apenas conceito, mas caminho concreto de transformação e renda.

Em **TEFÉ (AM)**, vimos uma Amazônia moldada pelas águas. Ali, o tempo segue o ritmo dos rios e dos barcos. O manejo do pirarucu, o trabalho das mulheres na agricultura e no artesanato e a produção da farinha de Uarini mostram que a economia pode nascer do respeito, e que a floresta tem seus próprios modos de ensinar.

Cada uma dessas experiências nos ensinou que a Amazônia é feita de encontros entre mundos, entre tradição e inovação, floresta e cidade, ancestralidade e tecnologia. O trabalho de campo não foi apenas uma pesquisa, foi também um exercício de escuta, reconhecimento e reconciliação com o que somos como sociedade.

Para além das entrevistas realizadas, durante os encontros do Vozes que EcoAm ficou evidente e que todas elas carregam o mesmo desejo: viver com dignidade, podendo escolher a floresta e o futuro. Essas vozes não pedem apenas visibilidade, pedem coerência, entre o discurso e a prática, entre as promessas e as políticas, entre os mapas e as vidas que eles representam.

Em cada oficina, em cada roda, surgiram perguntas que não cabem só nos relatórios, a exemplo, "Como fazer a economia girar sem desmatar?", "Como incluir sem explorar?", "Como desenvolver sem apagar o que já existe?". Essas perguntas são o verdadeiro legado do processo. Elas seguem reverberando muito depois que o campo termina, porque não há respostas prontas, há apenas caminhos possíveis, abertos pela escuta.

O futuro da Amazônia não está apenas nas grandes políticas nem nos investimentos estrangeiros. Está nas pequenas decisões cotidianas, no agricultor que opta por diversificar, na mulher que coordena sua cooperativa, no jovem que decide ficar, no pesquisador que volta para devolver o que aprendeu.

A bioeconomia que emerge desses territórios é mais do que um modelo de negócio, é uma forma de pensar o mundo. Ela liga o saber da floresta à ciência contemporânea, conecta o local ao global, e mostra que há valor em permanecer, em cuidar, em fazer diferente. O que está por vir não será dado, mas já está sendo construído. Depende da capacidade de articulação entre políticas públicas, financiamento, ciência e cultura. Da valorização de que conhecimentos teóricos não substituem o saberes das experiências, e que inovação também

**“A GENTE É
MUITO MOVIDO
A TRANSFORMAR
NOSSAS
DIFICULDADES
EM CONQUISTAS.”**

Patrícia Parente, diretora de empreendedorismo da Secretaria de Turismo e Empreendedorismo do Estado do Acre (RIO BRANCO)



"Embarcação sob o Rio Acre", Fernando Menezes (RIO BRANCO)



pode vir do extrativismo, da pesca, da culinária, da troca entre vizinhos. A floresta, afinal, sempre foi um laboratório vivo de inteligência coletiva.

Os três territórios mostraram que há uma Amazônia que pensa, cria e transforma, mesmo diante das desigualdades e do abandono. Aprendemos que o sistema produtivo da floresta não se mede apenas em números, e sim em vínculos, tempo e cuidado. Aprendemos que governança não é só institucional, mas também afetiva, que está no gesto de quem compartilha, organiza e mantém em pé o que é de todos.

Aprendemos, sobretudo, que escuta é ação. Nada do que foi registrado aqui pertence apenas a esse projeto. Pertence às pessoas que contaram suas histórias, que abriram suas casas, que participaram das oficinas e que seguem fazendo da Amazônia resistência e criação, com muita beleza e sabores.

Esta revista chega ao fim, mas o movimento não. O que começou como um mapeamento se transformou em processo contínuo de aprendizado. As vozes que ecoaram em Tefé, Rio Branco e Ji-Paraná seguem ressoando, chamando novas escutas, novas alianças, novos compromissos.

A Amazônia continua sendo um território de futuros, que se fazem no presente, a cada gesto de cuidado, a cada rede que se fortalece, a cada pessoa que decide adubar as terras e dar espaço para novas raízes.



DA SEMENTE À FOZ

Este trabalho é resultado de muitas vozes, encontros e aprendizados. Agradecemos, com carinho e respeito, a todas as pessoas e organizações que abriram suas portas, compartilharam suas histórias e nos ajudaram a compreender a força viva da bioeconomia amazônica.

Nossa gratidão especial às lideranças locais, produtores, cooperativas, empreendedores, professores, pesquisadores, jovens e comunidades dos territórios de Tefé (AM), Rio Branco (AC) e Ji-Paraná (RO), que contribuíram com suas vivências e saberes para que este mapeamento se tornasse possível. Cada conversa, cada escuta e cada olhar ajudaram a desenhar o retrato coletivo que apresentamos aqui.

O EcoAm – Fomentando Ecossistemas de Impacto na Amazônia é uma iniciativa do Impact Hub Manaus, realizada em parceria com o BID Lab, laboratório de inovação do Banco Interamericano de Desenvolvimento, por meio do Programa Amazônia Sempre, o Instituto Meraki e o SEBRAE Amazonas, parceiro na região de Tefé.

Seguimos juntos, acreditando que o futuro da Amazônia se constrói com colaboração, confiança e a certeza de que há potência em cada território.

Equipe Impact Hub Manaus

QUEM FEZ ESSA REVISTA ACONTECER:

Esta revista só foi possível graças à parceria e ao trabalho cuidadoso do Instituto Ñambi, responsável pela pesquisa de campo e pela escuta nos territórios amazônicos.

O Instituto Ñambi é uma iniciativa independente dedicada à pesquisa e à valorização dos saberes locais na Amazônia e em outras regiões do país, com foco em processos de escuta, análise territorial e produção de conhecimento aplicado ao desenvolvimento sustentável.

Com sensibilidade e rigor, a equipe acompanhou de perto os territórios de Tefé (AM), Rio Branco (AC) e Ji-Paraná (RO), traduzindo em palavras, mapas e imagens a força viva da bioeconomia amazônica e das pessoas que a constroem todos os dias.

Com o desejo de que este trabalho inspire novas formas de pertencimento e futuro,

Equipe Instituto Ñambi

**EQUIPE ECOAM –
FOMENTANDO ECOSISTEMAS
DE IMPACTO NA AMAZÔNIA**

Ana Paula Guimarães – Analista Financeiro
Guilherme Faleiros - Gerente de Negócios
Jefferson Barroso – Coordenador Local – Território de Rio Branco (AC)
Juliana Teles – Cofundadora do Impact Hub Manaus
Marcus Bessa – Cofundador do Impact Hub Manaus
Matheus Favaro – Coordenador Local – Território de Ji-Paraná (RO)
Nathália Andrade - Gerente de Comunicação
Viviane Marcos – Coordenadora Local – Território de Tefé (AM)
Washington Silva – Gerente do Programa EcoAm

EQUIPE INSTITUTO ÑAMBI

Brian Lima – Antropólogo e Fundador do Instituto
Luana Daltro – Designer e Diretora de Arte
Edson Soares – Pesquisador



"Ipê-rosa florido no Parque da Maternidade" Fernando Menezes (RIO BRANCO)

Fernando Menezes (AC) , “Tartarugas no Hotel
Três Meninas, no sentido da Tríplice Fronteira”

REALIZAÇÃO:



PARCEIRO
LOCAL TEFÉ:



PARCEIRO
ESTRATÉGICO:

